

Páginas

ANO 38 • nº 55 • 2013



Abertas

Edição Especial



Simpósio
de Educação
PAULUS

o encontro da comunicação,
educação e cultura

Filosofia

As tendências e conseqüências do ensino na
visão do professor Mario Sergio Cortella

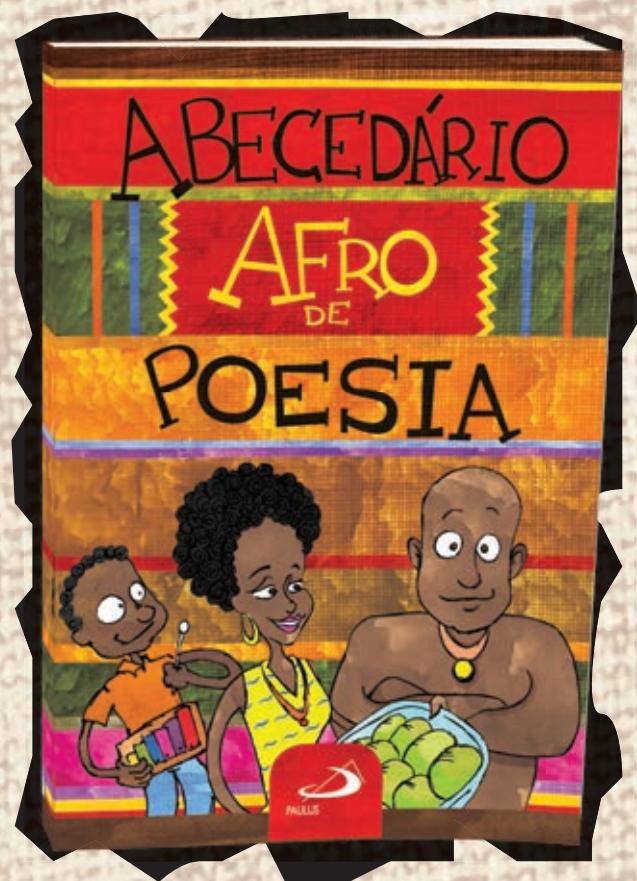
Formação de Professor

Reflexões sobre a República, vida em sociedade,
direitos e deveres no Almanaque da Cidadania

Mais que histórias, **CULTURAS**

Os livros **Mãe África - mitos, lendas, fábulas e contos** e **Abecedário afro de poesia**, ressaltam a diversidade de etnias do continente africano, por meio de cores, nomes, belezas, sabores e fantasias; que exercem forte influência na cultura brasileira.
Floresça os diversos campos do conhecimento.





Abecedário afro de poesia

Silvio Costa

32 págs.



Mãe África

Mitos, lendas, fábulas e contos

Celso Sisto

144 págs.

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Sumário

06 Entrevista

O professor Dr. Ismar de Oliveira Soares conta a sua experiência com a implantação e projetos relacionados à Educomunicação, paradigma que visa unir a educação e a comunicação em benefício do ensino e da sociedade.

12 Capa

8º. Simpósio de Educação PAULUS

O professores Ismar de Oliveira Soares e Bia Bedran enfocaram temas importantes como Educomunicação e a Arte de cantar e contar histórias. Além das palestras, oito workshops aqueceram a tarde, entre temas como a motivação do professor, poesia e música, alimentação escolar, jogos eletrônicos, meios de comunicação, biblioteca, atitude.

14 Workshop I

A motivação do professor – Relação profissional e emocional do educador e suas consequências no ambiente escolar
por Marly Savioli

16 Workshop II

Poesia e música: o movimento da palavra e da arte na sala de aula
por Fernando Gianetti e Marcelo Furlin

18 Workshop III

Alimentação escolar. Como cuidar da saúde dos alunos?
por Jeanice de Azevedo Aguiar

22 Workshop IV

Atitude de excelência
Elza Pacheco e Regina Mainardi

24 Workshop V

A biblioteca escolar e o aprendizado integrado
Leila Flores Maia

26 Workshop VI

O uso da internet como proposta pedagógica
Márcia Carvalho

28 Workshop VII

Meios de comunicação: como trabalhar o senso crítico do aluno
Marco Antonio Palermo Moretto

30 Workshop VIII

Games e Educação: possibilidades e desafios
Sérgio Nesteriuk

Seções

10 Filosofia

Filosofia: tendências a superar,
por Mario Sergio Cortella

20 Reflexão

Ser feliz não custa tanto assim,
por Alexandre Carvalho

21 Literatura

Vida jangada ou a leveza do verso,
por Antonio Iraldo

32 Li, Gostei e Recomendo!

Os fantásticos contos do imaginário dos povos da Amazônia,
por Waldeney Souza Gomes

34 Sala de Aula

Projeto ampliando conhecimento despertando a criatividade,
por Glória Maria de Souza Gomes

36 Páginas Abertas Indica

Filosofia, educação, clássicos da literatura e muito mais entre as nossas indicações

38 Crônica

Educação, esporte e violência,
por Douglas Tufano

Encarte Especial Formação de Professor

O **Almanaque da Cidadania**, do autor **João Pedro Roriz** proporciona uma excelente oportunidade para se trabalhar conceitos práticos como a vida em sociedade, civilidade, direitos e deveres dos cidadãos. Escrito por Beatriz Tavares de Souza, o projeto propõe diversas formas de debates e discussões assim como um posicionamento dos leitores sobre os temas abordados no livro.

Páginas *Abertas*

Ano 38 – nº 55 – 2013
Junho - Julho - Agosto
ISSN 1414-4638

Diretor Presidente
Valdir José de Castro

Diretor-geral
Paulo Bazaglia

Diretor de Difusão
Abramo Parmeggiani

Diretor de Produção
Evandro Antônio Mazzutti

Diretor de Redação
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho Editorial
Tom Viana, Dílvia Ludvichak
e Marcelo Balbino

Arte
Marco A' Lima

Reportagem e Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Bárbara Conte

Colaboradores
Alexandre Carvalho, Antonio Iraldo Alves de Brito,
Beatriz Tavares de Souza, Douglas Tufano, Elza
Pacheco, Fernando Gianetti de Souza, Glória
Maria de Souza Gomes, Jeanice Azevedo Aguiar,
Leila Flores Maia, Marcelo Furlin, Márcia Carvalho,
Marco Antonio Palermo Moretto, Mario Sergio
Cortella, Marly Savioli, Regina Mainardi, Sérgio
Nesteriuk e Waldeney Souza Gomes.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.

Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

**A assinatura da revista
PÁGINAS ABERTAS é gratuita.**
Para mais informações,
ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br



Editorial

Conhecimento, reciclagem e troca de experiências

Mais uma vez, a FAPCOM – Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação sediou o encontro anual de atualização, reciclagem e estímulo ao professor. Estamos falando do 8º. Simpósio de Educação PAULUS, realizado no início de junho. O encontro, que enfocou a comunicação, educação e cultura, trouxe luz ao segmento tão importante e transversal, tanto para o país quanto para a cultura, sociedade e vida de todas as pessoas.

O Simpósio representa um exercício de reciclagem, extensão do conhecimento e troca de experiências. Tais ações buscam força, para elevar e manter o tema da educação sempre em notícia, aquecido, debatido e melhorado. Este é o mesmo ideal que a revista Páginas Abertas compartilha e exercita a cada edição.

Como acontece todo ano, para os leitores que não puderam comparecer ao evento, comunicamos que esta edição será dedicada ao Simpósio e suas principais partes. Nas duas palestras principais, enfocamos o pensamento do professor Dr. Ismar de Oliveira Soares. A partir do tema Educomunicação e seus desdobramentos, o palestrante uniu educação e comunicação no mesmo termo, ratificando a importância de ambos para a sociedade e o ensino. Também, citou exemplos de diversos projetos na área, novas perspectivas e resultados recentes.

Já com tom mais musical, a professora Bia Bedran trouxe a palestra que nasceu do tema de seu premiado livro, “A arte de cantar e contar histórias”. Embalada por seu violão, Bia seguiu pelo mundo mágico das narrativas orais e dos processos criativos; encantos que, atualmente, ganham brilho especial como ferramentas de ensino.

Além das palestras, oito workshops aqueceram a tarde, entre temas como motivação do professor, poesia e música, alimentação escolar, games, meio de comunicação, biblioteca, atitude. Acompanhe, nesta edição, um artigo especial sobre cada tema abordado no evento.

Nossos colunistas, também, estão a postos com muitas informações, conhecimento e sugestões para todos, como os professores Mario Sergio Cortella, escrevendo sobre filosofia, e Douglas Tufano narrando uma crônica. Leia, também, a reflexão de Alexandre Carvalho, a literatura de Antonio Iraldo, além do Suplemento Especial Formação de Professor com todos os passos, para o incremento das aulas.

Enfim, caro leitor, vamos celebrar juntos este evento, dedicado ao conhecimento, à atualização e à troca de experiências. Uma ótima leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas

Educomunicação:

dois remos do mesmo barco

Pioneiro nos conceitos de Educomunicação, o professor Ismar de Oliveira Soares* coordena, desde 1996, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Em sua ampla formação, transitando entre as áreas de comunicação e educação, conduziu projetos que já capacitaram milhares de pessoas e professores em projetos de educomunicação. Conheça, a seguir, um pouco mais desse paradigma chamado Educomunicação, que tem interessado, cada vez mais, professores, alunos, gestores, sociedade, política pública, ONU e tantos outros grupos e pessoas.



Divulgação

Qual é sua formação?

Sou formado em áreas amplas, como Geografia, História, Filosofia e Jornalismo. Também, entre 1970 e 1986, lecionei Geografia e História em diversos colégios de São Paulo, incluindo o São Luis, o Camargo Aranha, entre outros.

Como foi o seu primeiro contato com a chamada Educomunicação?

Além de escrever, trabalhei, simultaneamente, no campo da educação em jornalismo. Logo cedo, a partir de 1970, comecei a trabalhar em universidade. Em São Bernardo, por exemplo, na Universidade Metodista, fundei a área de jornalismo; até que fui para a USP na Escola de Comunicação e Artes (ECA) em 1986, onde estou até hoje. Então, tenho formação na área pedagógica e comunicacional e assim, por trabalhar com um pé em cada uma dessas canoas, dirigi a minha pesquisa, finalmente, para a

correlação entre educação e comunicação. Na verdade, o meu mestrado e doutorado foram sobre comunicação e religião; e o pós-doutorado se relacionou com a pesquisa da inter-relação entre comunicação e educação, e sua trajetória até chegar ao termo Educomunicação em 1999. A partir daí, trabalho com esse conceito não só em pesquisa, mas também desenvolvendo projetos. Então, a minha formação é híbrida; foi se convergindo para o conceito e as práticas educacionais comunicativas.

Como podemos definir o conceito de Educomunicação?

Quando a gente fala em educomunicação, por se tratar de uma palavra longa, há pessoas que estranham e perguntam o porquê, se toda educação deveria ser comunicação. Na verdade, o conceito é um pouco antigo, já tem uns 15 anos. Era usado para identificar uma área chamada Educa-

ção para a Comunicação, isto é, educação para a formação do chamado senso crítico frente à mídia, especialmente frente à televisão. Produzia, portanto, uma preocupação, que agora está latente, com a discussão em torno da classificação indicativa. Então, por um tempo, o conceito educomunicação significou educação para a mídia.

E esse conceito se manteve ou ocorreram transformações?

As pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP apontaram a existência de uma nova realidade, que é representada pelas Organizações Não Governamentais (ONGs), as quais, desde os anos 70, vinham usando a comunicação de forma alternativa. Isso ocorria, não no sentido de atender uma demanda do mercado, mas sim para colocar em debate temas relacionados a problemas sociais. Muitas pessoas em todo mundo, especialmente na América Latina e África, ao desenvolverem esses usos alternativos de comunicação, estavam interferindo tanto na educação, quanto na comunicação.

Atualmente, como o Sr. define a Educomunicação?

Eu tenho trabalhado com definição operacional, porque a definição justa seria: a educomunicação é paradigma na interface entre comunicação e educação. Por ser um paradigma, é um conceito orientador de práticas, que busca relacionar comunicação e educação. Ou seja, tem em vista a despolarização da prática de cidadania plena, no exercício do direito de expressão. Mas essa é, ainda, uma definição bastante abstrata.

E qual seria a definição operacional do termo Educomunicação?

Em termos operacionais, eu tenho dito que a educomunicação é o conjunto das ações voltadas à criação e implementação de ecossistemas comunicativos; que sejam abertos, criativos, participativos, envolvam as linguagens de tecnologia da informação e busquem maximizar as formas de se expressar. A educomunicação, em termos pragmáticos, é uma malha de ações voltadas a criar, desenvolver, ecossistemas comunicativos. Com isso, estamos falando da gestão de pessoas em determinado espaço, envolvendo linguagem, tecnologia, objetivos, sonhos.

Qual é a importância desses ecossistemas comunicativos?

Quando se fala desses ecossistemas, trata-se das ações que ocorrem dentro deles. Porém, quando se categorizam essas ações, é necessária a igualdade de peso entre as duas vertentes; tanto educação, quanto comunicação. Ecossistemas são criativos, abertos e trabalham com várias linguagens mediante a expansão do potencial comunicativo das pessoas. Ou seja, existe simultaneidade de ações que envolvem pessoas, clima, elementos naturais, entre outros.

A comunicação varia conforme as suas relações?

Por exemplo, o modo de vida, como ecossistema, no deserto, é diferente no Estado da Amazônia. A comunicação também pode ter relações rígidas, duras e aí, é preciso buscar um ecossistema aberto, criativo, que promova a participação das pessoas. Abertura, democracia, participação.

É um conceito complexo, que está dentro da chamada teoria da complexidade, ou seja, muitos elementos de pesos iguais que se cruzam, sem que haja um elemento superior aos outros.

Sobre o termo educomunicação, ele foi aceito pelos dois lados, tanto da educação quanto da comunicação?

Até pouco tempo, o termo era rejeitado pelos dois lados. A educação estranhava e dizia: “Bom, isso aí é educação popular e não educação formal, e também não é coisa da escola”. Por outro lado, a comunicação argumentava: “Isso é coisa de gente que gosta de pobre e de temas que não são do mercado, do entretenimento”. No entanto, especialmente a partir de Herbert de Souza (Betinho) essa comunicação, para grandes finalidades de cidadania, ganhou legitimidade.

E foi assim que o processo ganhou força?

Nós detectamos, por meio de pesquisa feita na América Latina em 1999, que já existiam pessoas envolvidas nesse processo - em partes legitimado -, bem como se aproximava da própria mídia. Já havia meios de comunicação muito preocupados com a educação, especialmente na área do meio ambiente. Esses conjuntos de atividades voltadas para o conhecimento do uso desses meios, em uma perspectiva prática de cidadania, levaram ao nome de educomunicação.

Existem exemplos práticos desse conceito nas escolas?

Sim, introduzimos a educomunicação nas escolas públicas, a partir de uma

Entrevista

pergunta que a prefeitura nos fez: “É possível reduzir a violência na escola a partir de ações culturais?” Nós tínhamos, como referência, o uso do rádio na África por crianças e adultos, de todas as raças, na luta contra o *apartheid*. Também, tínhamos visto, em muitos lugares do mundo, essa comunicação alternativa como articuladora, sensibilizadora para a colaboração das pessoas.

E qual foi a resposta?

Dissemos à prefeitura que sim. Para isso, seria preciso adotar um tipo de formação que unisse professores, alunos e membros da comunidade no mesmo trabalho. Em seguida, elegeu uma linguagem de comunicação, no caso o rádio, a qual, certamente, traria resultados.

Por que a escolha pelo rádio?

Porque ele permite o trabalho coletivo, muito mais que o computador, por exemplo. O rádio tem uma linguagem popular, que valoriza o elemento humano, conceitos, vozes do professor, aluno e comunidade. Havia um problema grave localizado em uma escola da zona leste de São Paulo, mas a prefeitura disse que não poderia fazer algo apenas naquela localidade. O projeto também deveria ser implantado em todas as outras escolas.

E como foi a implantação?

No fim das contas, diante da nossa pequena equipe, foi uma aventura trabalhar com 455 escolas. Nós ingressamos na prefeitura com um plano de trabalho para três anos e meio; até chegarmos a todo esse universo escolhido, que representava cerca de metade das escolas de ensino funda-

mental. Capacitamos 25 pessoas, de cada escola, reunidas em polos pela cidade afora, em um trabalho que era de médio prazo, ou seja, 12 encontros durante 12 sábados. Foi, praticamente, um semestre inteiro em que professores, alunos e comunidades iriam exercitar a prática da comunicação.

Como era a atuação dos grupos?

Tínhamos os mediadores, que formávamos na USP, para acompanhar essas comunidades e colaborar com a elaboração, e análise, das produções. Em seguida, criavam indicadores de

“O rádio tem uma linguagem popular, que valoriza o elemento humano, conceitos, vozes do professor, aluno e comunidade”

avaliação de seus próprios trabalhos. Depois disso, a etapa era planejar o melhor modo de comunicação para as unidades escolares, bem como dialogar com os comunicadores da região, onde os polos estivessem.

Como o Sr. avalia esse projeto?

Foi um grande movimento de comunicação no interior do sistema, usando uma prática própria da educação não formal, realizado fora do horário de aulas. Depois, ao final de todo o trabalho em 2004, a prefeitura decidiu levar a educação para a área curricular. Durante três anos, atuamos como projeto especial. No último se-

mestre, a prefeitura entendeu que nós trabalhávamos com um conceito chamado gestão escolar. Ao mesmo tempo, notaram conflitos no sistema, e a importância do ingresso da educação. Fizemos um trabalho de raiz, sementeira. Claro que, vendo hoje, foi criado um legado, uma cultura dentro da prefeitura. Esse modelo, inclusive, foi tema de livro na Itália; assim como objeto de pesquisadores da Inglaterra e de vários outros países, que observaram como a prefeitura de São Paulo trabalhava a questão.

Como o Sr. entende a percepção do segmento educacional sobre a educação?

Significa reconhecimento do sistema educacional, de algo novo, simpatizante. Ao observar o Brasil, nota-se o conceito presente, também no Governo Federal, por meio de algumas ações, como o programa *Mais Educação*, pelo qual a administração disponibiliza equipamentos para escolas. O objetivo é melhorar os índices de ensino, e para isso o governo facilita o acesso a determinadas tecnologias, e ações pedagógicas para algumas escolas.

E o conceito da educação está presente nesse modelo?

Uma das áreas, que o governo privilegia, chama-se *Comunicação e Uso de Mídia*. A orientação é realizada por um manual de Educação que contém 70 páginas. Hoje, são 6.500 escolas, 1,2 milhão de jovens do Brasil, que já tem contato com essa prática educativa. Se nós formos para a esfera do Governo Estadual, o Estado de Mato Grosso, também, já apresenta uma lei.



Atualmente, existe algo de oficial no ensino, a respeito desse tema?

No currículo do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), não há nada oficial, mas existe o reconhecimento de uma prática que possa conviver com o currículo. É reconhecido, por exemplo, que membros de ONGs possam colaborar com a escola, para implantar programa de rádio, vídeo, comunicação ou arte, algo que melhore a expressividade do aluno.

E o que pensam os professores?

Muitas vezes, o governo também sofre oposição dos educadores, principalmente dos tradicionais quando dizem que programas como “Amigos da Escola”, ou outros no mesmo formato, são invasivos e que a educação tem que ser feita por profissionais que possuam licenciatura na área. No entanto, existem áreas de conhecimento que o professor não domina. Entre elas,

está a tecnologia. E o governo começa a abrir portas, para que a sociedade saiba lidar com isso; para que comunicadores, por exemplo, possam ajudar os educadores. Isso tem sido feito, até mesmo, mediante ajuda de bolsas.

O que se pode esperar para o futuro?

A grande utopia é que todas as escolas brasileiras possam produzir educomunicação. Se isso ocorresse, teríamos uma rede, muito maior que a Rede Globo, por exemplo, em termos de circulação de informações. Inclusive, fazendo a comunicação local, efetiva. E ainda, por meio das redes sociais, amplo reconhecimento a respeito do assunto. Então, pode-se imaginar que o conjunto de escolas se constituiria o maior poder de comunicação do país.

E isso é possível?

Isso é uma grande utopia, que, como meta a ser seguida, acaba se tornan-

do motivação; porque não se trata de comunicação restrita, quando alguém está fazendo o seu pequeno programa de rádio, por exemplo. Pois, saberíamos que milhares de pessoas estariam fazendo seus projetos e, articulados com grupos próximos, também se fortaleceriam.

* Ismar de Oliveira Soares é formado em Geografia, História, Filosofia e Jornalismo. Também é mestre e doutor em Ciências da Comunicação e pós-doutor pela Marquette University Milwaukee, WI, USA. Em São Paulo, lecionou em diversos colégios como o São Luís, Graça Aranha entre outros. Desde 1996, coordena o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA – USP. Pioneiro na área da Educomunicação, a partir do ano 2000 promoveu diversos projetos e cursos para professores da rede pública e privada. Entre seus livros destacam-se *Do Santo Ofício à Libertação* (São Paulo, PAULUS, 1988), *Para uma Leitura Crítica dos Jornais* (São Paulo: Edições Paulinas, 1984), *Para uma Leitura Crítica da Publicidade* (São Paulo: Edições Paulinas, 1984), *Sociedade da Informação ou da Comunicação?* (São Paulo: Cidade Nova, 1996). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação* (São Paulo: Paulinas, 2011).

Filosofia:

tendências a superar*



Divulgação

Uma rápida aproximação dos conteúdos que foram e ainda vêm sendo ensinados em Filosofia no Ensino Médio permite, grosso modo, a captação de **duas tendências** suplementares – independentemente de oscilações e frequência da presença na disciplina no currículo: uma **clássica/tradicional** e outra **temática/vivencial**.

A tendência **clássica/tradicional** foi a que mais predominou até três décadas atrás e ainda hoje continua bastante ativa nos programas e livros didáticos: é o ensino da Filosofia a partir de sua divisão antiga em Metafísica, Teoria do Conhecimento, Lógica, Antropologia Filosófica,

Ética, Estética, Filosofia Política, Filosofia da Ciência e, claro, História da Filosofia.

Esta tendência, sustentada em seu veio básico para seleção e organização de conteúdos nos padrões considerados modelares e consagrados pela tradição, reflete uma concepção de educação, na qual o papel da escola é a transmissão da maior quantidade possível de conhecimentos entendidos como universalmente necessários.

Nela estão presentes duas variantes internas quanto ao desenvolvimento dos conteúdos: por **área** ou por **período histórico**. Na *primeira variante* ensina-se cada área da divisão (ou algumas delas) autonomamente, lançando-se mão da História da Filosofia apenas como moldura cronológica – por exemplo, na área Metafísica, (que se transforma em unidade de curso) são estudadas as principais teorias na Antiguidade, Medieval, Moderna e Contemporânea – sem uma conexão com as outras áreas; na *segunda variante*, dá-se um curso de História da Filosofia e se aponta em cada um dos pensadores considerados clássicos, seguindo a cronologia, a contribuição dele em cada área.

A escolha da profundidade na tratativa de qualquer uma das *duas va-*

riantes apontadas depende, sem dúvida, do tempo disponível. No entanto, dado que a disciplina Filosofia não vem tendo prioridade nas grades horárias, esse tempo quase sempre foi reduzido (em comparação a outras disciplinas).

Esta tendência propicia algumas consequências positivas:

- Ⓐ o aluno entra em contato, muitas vezes, com textos originais de pensadores e tem possibilidade de estudar diferentes tipos de discursos – produzidos em outras épocas – desde que o professor não se restrinja a comentadores;
- Ⓑ seja por áreas, seja só por períodos históricos, o aluno tem acesso a alguns conhecimentos que podem fornecer-lhe uma base sólida para a compreensão de outras ciências;
- Ⓒ o estudo sistemático das questões fundamentais apresentadas pela Filosofia em sua história possibilita um entendimento mais claro da origem e do desdobramento de determinados problemas quanto ao conhecimento da realidade e da intervenção nela;
- Ⓓ finalmente, é um caminho que se choca com o pragmatismo imediatista que tem forçado a escola a lidar apenas na direção do momentaneamente aproveitável.



Entretanto, a tendência tem também consequências negativas:

- Ⓐ a possibilidade de tornar-se uma programação maçante para o aluno pela infinidade de tópicos e autores estudados;
- Ⓑ uma valorização excessiva do conhecimento por demais abrangentes do conjunto da produção filosófica, redundando em mera erudição;
- Ⓒ o risco de uma programação calçada unicamente na História da Filosofia transformar-se em uma espécie de "cardápio" filosófico do qual o aluno apenas *toma conhecimento*, mas não se apropria;
- Ⓓ um ensino nem sempre apoiado na relação entre teorias filosóficas e práticas sociais correspondentes pode resultar em uma exposição diletante de uma "história" do pensamento em si mesmo, desconectada das determinações históricas que o informam e restrita à sua lógica interna.

Em função de alguns dos senões presentes na tendência indicada e, principalmente, a partir da influência do pensamento pedagógico escolanovista – que inundou a escola pública desde os anos 1960 – o ensino de Filosofia no Ensino Médio buscou a alternativa de aproximar-se mais do aluno no seu cotidiano.

Nas últimas décadas, veio-se firmando a tendência temática/vivencial que se caracteriza fundamentalmente por procurar lidar com um conteúdo e com situações que partam dos interesses mais circunscritos à problemática específica do adolescente de Ensino Médio e seu desenvolvimento psicológico.

Também nessa tendência, percebe-se a presença de *duas variantes* básicas: *uma* delas carrega a "palavra" de pensadores – clássicos ou não – para auxiliar a discussão de temas entendidos como atuais tais como Morte, Sexualidade, Sociedade Urbano/Industrial, Direitos Humanos, Ciência e Tecnologia, Religião etc., em um esforço de atualização do discurso filosófico; a outra elenca temas semelhantes, mas os discute a partir do senso comum dos alunos, usando ferramentas mais acessíveis como músicas, poemas, representações, desenhos etc. A seleção e organização dos conteúdos dão-se, às vezes, a partir de um levantamento espontâneo feito no início de cada curso, dependente da clientela.

Esta tendência acarreta consequências positivas:

- Ⓐ torna a reflexão filosófica mais rica em cotidianidade para o aluno;
- Ⓑ permite diminuir a aridez inerente à discussão filosófica e fazê-la mais "atraente", menos cansativa e distante do dia a dia;
- Ⓒ pode até criar em muitos alunos o "gosto" pela Filosofia e favorecer um posterior aprofundamento.

Entretanto, no que se refere à produção histórica do conhecimento e à fundamentação teórica necessária à compreensão de outras ciências, a tendência tem consequências negativas:

- Ⓐ o recurso a pensadores clássicos para tratar temas atuais pode deslocar o contexto de elaboração de suas te-

orias e análises, forçando uma aproximação desfocada e deformante;

- Ⓑ a utilização exclusiva dos referenciais espontâneos dos alunos cria, eventualmente, sessões completas de psicoterapia precária que circulam em torno de si mesmas;
- Ⓒ pode haver o favorecimento da "achologia", banalizando-se a importância – teórica e histórica – do conhecimento científico e filosófico, em função de um superdimensionamento mitificado do poder da opinião individual.

Ambas as tendências têm convivido simultaneamente no Ensino Médio e é preciso superar suas deficiências por meio de uma síntese que as leve além.

Essa síntese não pode ser, evidentemente, uma somatória dos aspectos positivos de cada uma delas; temos que levar em conta o conjunto das propostas de reorganização da grade curricular do Ensino Médio, a fim de detectarmos a tarefa complementar à qual a Filosofia deva dedicar-se.

*Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S.. Filosofia e Ensino Médio: certas razões, alguns senões, uma proposta.. Petrópolis: Vozes, 2009.

**Filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor-titular e na qual atuou de 1977 até 2012; é autor, entre outras obras, de Não Espere Pelo Epitáfio... (Vozes), Não Nascemos Prontos! (Vozes) e Não Se Desespere! (Vozes), todas com o subtítulo Provocações Filosóficas.

A celebração da comunicação,
educação e cultura no



Simpósio de Educação PAULUS

O professor Ismar de Oliveira e a professora Bia Bedran enriqueceram o evento em temas como a Educomunicação e a Arte de cantar e contar histórias. A realização de diversos workshops também ajudou a promover debates e reciclagem profissional.

Em mais um evento sintonizado com as últimas tendências mundiais, a PAULUS trouxe luz para o segmento da comunicação, educação e cultura. Motivados pela plateia, composta de professores, educadores, pedagogos, consultores entre outros, o 8º Simpósio de Educação PAULUS promoveu integração, participação e atualização dos profissionais relacionados ao tema.

O evento aconteceu na Fapcom (Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação), em São Paulo (SP), ofereceu duas palestras principais e oito workshops durante todo o dia.

Entre as palestras, destaca-se o tema da *Educomunicação: uma nova proposta de formação cidadã à luz de Paulo Freire*, realizada pelo professor Dr. Ismar de Oliveira. Formado em Geografia, História, Filosofia e Jornalismo, além do mestrado, doutorado e pós-doutorado nas áreas de religião e comunicação, o profissional trouxe um panorama atualizado sobre o tema. “A expectativa é mostrar para os

educadores os resultados essenciais do movimento educacional, analisando o que esse movimento tem trazido para a educação pública e privada no Brasil”, disse.

O professor lembrou o pensamento de Paulo Freire, que criticava o modelo de ensino no qual as crianças eram educadas para o silêncio, com uma ideia de disciplina e controle. “A educomunicação veio para combater isso pelo diálogo inclusivo e a participação. A escola é a única com condições de criar esses diálogos, para que as crianças falem mais e de várias maneiras, seja na produção de veículos de comunicação, seja por meio da música ou dança, por exemplo”.

De acordo com o professor Ismar, trata-se de um caminho viável e possível, que não determina o volume da ação que precisa ser feita, mas nos mostra como iniciar o processo. “Existe também o interesse de algumas redes particulares de educação. Estamos diante de um paradigma que tem interessado a professores, alunos, gestores,

política pública, ONU e isso é viável de acontecer, desde que haja algumas condições mínimas. Quero deixar espaço aberto, para que esses professores criem interesse e pensem em se aprofundar, fazer cursos mais específicos”, lembrou o professor Ismar.

Música e encantamento

Na outra palestra, a professora, autora, compositora, contadora de histórias e mestre em Ciência da Arte, Bia Bedran, do Rio de Janeiro, trouxe com muita animação o tema “*A arte de cantar e contar histórias – narrativas orais e processos criativos*”.

Com muita animação, Bia Bedran comentou sobre seus livros, CDs, DVDs e cursos, nos quais busca retomar o encantamento das palavras e histórias. “Contar uma história não é só começar com ‘era uma vez’, mas olhar tudo com olhar de criança e exercitar o reencantamento, resgatar essa fonte rigorosa que está perdida nos adultos”, contou.

As palestras de Bia Bedran são baseadas em sua pesquisa “*A arte de cantar e contar histórias – narrativas orais e processos criativos*”, tese de mestrado que, em 2012, transformou-se em livro de mesmo nome lançado pela editora Nova Fronteira. “Claro que meu fiel escudeiro, o violão, nunca pode faltar nesse encontro dos contos e dos cantos, além das minhas histórias com bonecos e adereços”, contou Bia Bedran.

Por quase duas horas, em tom muito informal, a palestrante dialogou apontando novas ideias e caminhos indicados pela arte narrativa e de contar histórias. Por vezes, utilizou bonecos, capas, chapéu, livros, mas sempre com bastante profundidade, participação da plateia - que até dançou em duplas.

“Conseguimos abordar diversos temas dentro do essencial, que é o resgate de um tempo de intercambiar

experiências. Tais experiências são proporcionadas pela grande aventura que o ato de cantar e contar histórias significa”, afirmou Bia.

De acordo com a palestrante, “A ideia de sua palestra é promover o encontro do pensamento filosófico e científico com a própria arte, em uma comunhão capaz de desvelar inúmeras possibilidades de inserção do indivíduo em seus processos criativos”, lembrou Bia Bedran.

A plateia, formada por educadores, professores e indivíduos ligados ao tema, anotou as explicações e promoveu diversos questionamentos por meio de perguntas em cada palestra vivenciada. Para Claudia Viana Brazil, coordenadora de um projeto social em São Paulo (SP), é importante conduzir esses conceitos vivenciados na palestra até projetos sociais ou escola, diferenciando-se do modelo tradicional aplicado. “Vamos voltar para casa cheios de boas ideias, que valorizam a criatividade do adolescente, assim como trabalhar questões do mundo da criança”, lembrou.

No entender do professor Ismar, o evento abre uma reflexão para o novo, o emergente. “Essa inovação ainda é rara no sistema educacional. É muito necessária porque estamos vivendo no chamado paradigma da complexidade, o mundo hoje é complexo”. Segundo o professor, essas diferentes áreas do saber - quando se encontram - dialogam; e a partir desse contato, avançam. “Estou vendo tudo como uma atividade interdisciplinar e multicultural”, sentenciou o professor Ismar.

Na opinião de Bia Bedran, o Simpósio de Comunicação, Educação e Cultura é muito importante tanto para ela, quanto para todos os que estão envolvidos nesta causa sobre a reflexão dos caminhos contemporâneos da educação e suas fontes. “Estou muito feliz por realizar a palestra que define meu livro *A Arte de Cantar e Contar Histórias*, que acabou de ganhar o selo *Altamente Recomendável do MEC/FNLIJ*, finalizou.



A motivação do professor

relação profissional e emocional do educador e suas consequências no ambiente escolar

Por Marly Savioli *



Divulgação

O profissional da educação atua em um mundo complexo cheio de controvérsias. Atende estudantes de todos os níveis sociais, vindos de culturas diversas, com experiências pessoais que afetam sua visão de mundo e, consequentemente, seu comportamento; às vezes, contribuindo com o ambiente saudável em sala de aula, às vezes impedindo-o.

A escola – espaço social destinado à educação global do indivíduo – enfrenta crises diversas, como indisciplina, desinteresse, dificuldades de aprendizagem, desmotivação de aluno e professores, entre outras. Nesse ambiente, o educador assume a responsabilidade de ensinar os conteúdos preestabelecidos, mas também de preparar o jovem para a cidadania.

Apesar de tantas obrigações, a profissão do docente não é prestigiada socialmente. Há menos de quatro décadas, ser professor garantia respeito social, o que hoje já não existe mais. Atualmente, o professor é desprestigiado por seus alunos moral e socialmente; mas muitas vezes, também, pelas famílias e por alguns gestores escolares que desconsideram a realidade em que o professor atua.

Somadas a tantas responsabilidades, as políticas públicas causam insatisfação a esse trabalhador, além dos salários desvalorizados que o obriga a assumir jornada de trabalho exaustiva. Sabe-se que as tarefas do professor não se atêm somente ao espaço escolar. É normal levar trabalho para casa, como elaboração de planos de aula e provas, correção das avaliações e tantas outras atividades que inviabilizam uma vida familiar com qualidade.

O desânimo e o cansaço transparecem nos rostos e nas atitudes de alguns professores. Fica óbvia a desmotivação, e o professor desmotivado não consegue se mobilizar para planejar situações criativas, nem consegue transmitir esperança, uma vez que ele mesmo já não a tem.

Não raro, os professores estão estressados, doentes, com baixa autoestima ou faltam consecutivamente às aulas, alegando motivos diversos; mas, independentemente das justificativas, acabam prejudicando os estudantes que não recebem nem conhecimento e nem formação adequada. Estima-se que cerca de um terço dos professores deixa o ensino durante os primeiros cinco anos, e que 15% o fazem durante o primeiro ano de experiência profissional.

A insatisfação com o trabalho leva os professores a querer abandonar a profissão, o que significa romper com sonhos, ideais, tempo e empenho. E, nem sempre é possível o abandono. É consequência da realidade do professor o sentimento de desajustamento e insatisfação com o trabalho, que se reverte em inibição, esgotamento, estres-

se, ansiedade, depreciação pessoal, reações neuróticas e depressões.

Mesmo com esse quadro bastante desmotivador, encontram-se também professores exercendo a profissão com exaustiva dedicação. Mas, mesmo insatisfeito com suas condições de trabalho, o que motiva esses professores a continuar buscando formas de superar as dificuldades da profissão?

Encontram-se muitas teorias sobre a motivação do trabalhador em geral, mas a motivação do professor, em especial, é discutida muito superficialmente, e poucos são os encaminhamentos sugeridos por estudiosos da situação em pauta. O educador, em qualquer segmento de ensino formal, representa um ser humano ímpar em subjetividades, inter-relações e construções de saberes. Sempre em desenvolvimento, compõe em si valores, hábitos, concepções e ações educativas que o identificam como tal. E a pesquisa sobre sua motivação precisa ser estudada, considerando as características específicas dessa profissão.

É imprescindível que os gestores propiciem um ambiente saudável a professores e alunos, pois, como afirma Giuliese, em sua obra *Será mesmo que você nasceu para ser empregado?*, pessoas psicologicamente perturbadas podem ter um desempenho perfeitamente normal em organizações com estrutura e lideranças sadias. Em contrapartida, profissionais perfeitamente sadios e ajustados, ao trabalharem em organizações regressivas, com estrutura e liderança inadequadas, podem rapidamente regredir e adotar comportamentos doentios.

É preciso mudar a realidade do professorado, pensando na sua importância social, para que seu trabalho tenha qualidade. Mas, qual o caminho para motivar o professor?

É recomendável que, o primeiro caminho, seja a preocupação da escola em oferecer um ambiente saudável, permitindo que o professor se expresse sem medo, apoiando-o da mesma forma que se espera o seu suporte ao estudante com dificuldade. É importante, inclusive, haver espaço para trocas, de modo que o professor possa ouvir e ser ouvido por seus parceiros, e seja estimulado a conhecer-se e gostar-se, pois a autoestima é fator primordial para se realizar qualquer trabalho.

Segundo Huertas, em seu livro *Motivacion: querer aprender*, o processo motivacional desenvolve-se quando o indivíduo encontra motivos/significados. Os motivos e os significados variam de indivíduo para indivíduo, dos quais advém a importância do autoconhecimento do pro-

fissional, pois é esse autoconhecimento que traduzirá a motivação do professor.

É importante também que os gestores se preocupem em:

- possibilitar capacitação e constante reflexão a todos os envolvidos com a educação dentro do espaço escolar;
- reconhecer e elogiar o trabalho desenvolvido, elevando a autoestima do corpo docente;
- ser otimistas e apoiar os profissionais durante as dificuldades;
- mostrar sensibilidade frente às dificuldades vivenciadas, e contribuir para vencê-las;
- ser éticos em suas atitudes;
- apoiar os professores diante de situações de indisciplina;
- criar, periodicamente, situações de descontração, objetivando aliviar o estresse.

Todas essas questões são importantes – eliminar o desconforto e acrescentar fatores motivantes –, mas o mais importante será o professor conhecer-se internamente, verificar suas vocações, definir se o caminho da educação é realmente sua realização, pois um trabalho tão importante precisa de pessoas comprometidas.

O fator mais motivante – a participação e a aprendizagem do aluno – depende da ação docente. Um motiva o outro. O professor, com seu planejamento, interesse, dedicação e amor, é capaz de mudar a vida de um estudante. O estudante, com o seu interesse, respeito e dedicação, é capaz de motivar seu professor. Um depende do outro. Alguém deve dar o primeiro passo. O adulto, o profissional; o lado reconhecidamente como responsável é o professor, não há dúvidas. O professor que tem suas necessidades básicas satisfeitas, que trabalha em uma instituição que o apoia e o estimula, deve ser capaz de criar motivação própria e nos alunos. Tudo isso não isenta os gestores que também precisam ser motivados para motivar sua escola.

*Marly Savioli é formada em Pedagogia, licenciada em Administração e Supervisão Escolar, especialista em Ética, Valores e Cidadania pela USP. É pesquisadora sobre o uso da tecnologia na educação e a importância da motivação de estudantes e professor; também trabalha com projetos sobre a indisciplina em sala de aula. Atuou como professora do Ensino Fundamental e Médio, Orientadora Educacional, Coordenadora Pedagógica e Diretora Escolar. Também possui ampla experiência em Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, é Vice-Diretora do Colégio Eduardo Gomes, da Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul, e palestrante sobre temas diversos ligados à educação.

Poesia e música:

o movimento da palavra e da arte
na sala de aula

Por Fernando Gianetti de Souza* e Marcelo Furlin*



Divulgação

Poesia, música e sala de aula. A tessitura de um cenário tematizado por práticas, crenças e reflexões, que metaforiza o intenso movimento do ensino e da aprendizagem. A oficina apresentada no 8º Simpósio de Educação PAULUS promoveu uma partilha significativa de experiências entre educadores e educadoras. O presente texto – um pequeno tecido reflexivo – pretende contribuir para a fundamentação de práticas pedagógicas e incentivar a elaboração de projetos acadêmicos. Prática e teoria, em fios entrelaçados estrategicamente.

Consideremos, em princípio, os horizontes desenhados pela palavra. Nosso repertório de ações sobre o mundo acontece, entre outras formas, por meio da linguagem verbal que, moldada por circunstâncias histórico-sociais, materializa as mais diversas manifestações de discursos e ideologias. De modo particular, inspirados pelo acento desta reflexão, somos convidados a contemplar o texto

como o *locus* do confronto e do conflito e a acompanhar o movimento do verbo: se aflora aquilo que é visível, surge também o encoberto. No cruzamento das linhas, o texto irrompe como expressão de subjetividade singularizada e coloca em perspectiva as vozes da arte em diálogo com o mundo, em tecidos variados que revelam a multissignificação da palavra.

Ao experimentar o processo da leitura e da escrita, sob o sinal da construção, que no viés da arte também contempla a desconstrução e reconstrução de sentidos, somos tomados pela condição de co-participantes da gênese da palavra, que se reveste de significação no próprio ato da leitura e da escrita. É nesse evento que a palavra inserida em contextos diversos revela o *homo fictus*: somos seres narrativos que transitam entre a realidade e a ficção.

Ampliemos a esfera desse contexto. A mensagem inscrita pela poesia e pela música, rico instrumento de mediação entre o ser e o mundo, favorece um trânsito contínuo, ao longo do qual reconhecemos e participamos do movimento que surge de palavras, sons e ritmos, livres da significação única. Nessa dinâmica, o discurso ganha novas dimensões; somos incorporados ao exercício da liberdade, e atualizamos a (re)criação da palavra e da arte. É assim que, a partir dessa perspectiva plural, a expressão artística assume um sentido amplo, ao revelar o fenômeno da significação plural, seja no ato de criar, seja nos entornos que inspiram o mesmo ato¹. Poesia e música são preciosas expressões da humanidade, pois revelam limites e transcendências, certezas e incertezas, distâncias e proximidades. Sob a projeção da dialética, dizem tudo e nada ao mesmo tempo.

¹ No capítulo intitulado "Intentio Lectoris: apontamentos sobre a semiótica da recepção", em *Os limites da interpretação*, p.1-19, Umberto Eco aborda a prática interpretativa considerando a natureza do texto, "visto como uma máquina que produz uma deriva infinita do sentido" e a condição do leitor perante o mesmo. A leitura do capítulo aqui referido reveste-se de grande relevância para a fundamentação das questões apresentadas neste texto.

No impulso do percurso reflexivo, entendemos a concepção da arte como significativa representação da realidade, que tornam legítimas as múltiplas leituras do ser e do estar no mundo. Com esse enfoque crítico, a observação do real não é estática; pelo contrário, requer nossa participação ativa, cujo exercício de interpretação irrompe da multiplicidade de conceitos não encerrados em si próprios, mas abertos às infinitas relações linguísticas, ideológicas e discursivas. Nesse inventário de conceitos, a música e a palavra poetizada enriquecem a composição do cenário para as práticas pedagógicas, e maximizam a participação dos estudantes no processo ensino-aprendizagem, pelo fino exercício de percepções e sensações.

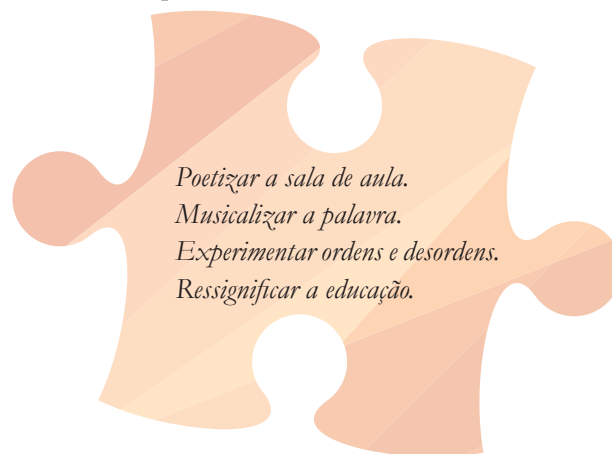
Inspirados pelo mosaico de conceitos e ideologias, que jamais será completo, vale ressaltar a análise de elementos subjacentes à superfície do tecido composto por palavras, imagens e ritmos. Há tramas complexas e inacabadas, que desvelam renovados caminhos de interpretação. Em outras palavras, somos motivados a reconhecer a textura expressiva da representação que leva a uma rede de sentidos, implícita ou explicitamente, na intenção de refinar a arte da percepção. E nessa experiência, caracterizada pela constituição do sujeito, surge um processo contínuo, cuja essência contempla a revelação da arte como espaço privilegiado de representações.

Tal perspectiva autoriza, na moldura dos espaços sociais, a relevância de um olhar crítico sobre a sala de aula, direcionado para a essência do pensamento mais integrado e articulado em busca da educação reflexiva. Interessado, portanto, sublinhar a visão de partes que convivem, na (re)organização de um sistema. Esse processo aponta, mais substancialmente, para o caminho do *paradigma emergente*, também chamado de *paradigma da complexidade*. Aqui é posta uma questão fundamental, que contempla a essência impressa nesta discussão: toda mudança de perspectiva requer uma transformação de pensamento e compreende um desafio cultural, sociológico e cívico mais abrangente, multidimensional, contextualizado e multidisciplinar, como afirma Morin (2011). O olhar relativo a esse paradigma propicia uma visão global, sistêmica, integrada e holística em relação às partes e ao todo, rompendo com a visão da fragmentação, da linearidade, do reducionismo e direcionando para a relação dialógica dos opostos.

Morin (2011, p. 35) descreve: “a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos.

Mas a complexidade não se reduz à incerteza, é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados. Ela diz respeito a sistemas semialeatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem. A complexidade está, pois, ligada a certa mistura de ordem e de desordem.”

As interfaces entre o paradigma da complexidade e a sala de aula significativa favorecem um sólido repertório de ações e reflexões em construção. Com efeito, a temática desenhada nesse modelo revela os processos de (re) descobertas na escola, no sentido de priorizar expressivas experiências individuais ou coletivas. Nutrir o movimento da palavra e da arte constitui o foco desta breve reflexão e apresenta-se como uma real possibilidade de criação de comunidades aprendentes.



*Fernando Gianetti de Souza – Teólogo pelo Instituto de Teologia da Diocese de Santo André e pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É professor de Atualidades e de Filosofia no Colégio Petrópolis (S.B.Campo). Atuou como agente de pastoral em escolas confessionais.

*Marcelo Furlin – Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor titular da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Colabora na produção de material didático de língua inglesa para o Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA). Ministra palestras na área de formação de educadores. Também atua como consultor acadêmico em editoras, institutos de idiomas e em demais instituições de ensino.

Referências bibliográficas

- ANTÔNIO, Severino. Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: PAULUS, 2009.
- ECO, Umberto. Os limites da interpretação. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulinas, 2011.
- SARFATI, Georges - Élia. Princípios da análise do discurso. São Paulo: Ática, 2010.
- VISCONTI, Márcia; BIAGIONI, Maria Zei. Guia para Educação e Prática Musical em Escola. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Secretaria de Estado da Educação, 2002.

Alimentação escolar.

Como cuidar da saúde dos alunos?

Por Jeanice de Azevedo Aguiar*



Divulgação

Nos últimos cinquenta anos, apesar das turbulências econômicas, políticas e sociais, o Brasil passou por alterações substanciais, seja por conta de fatores externos, derivados de um mundo paulatinamente globalizado, seja pelo desenvolvimento autônomo de circunstâncias e processos históricos e culturais próprios do que se pode chamar de “modelo brasileiro”.¹

Neste período, a desnutrição infantil teve redução significativa, embora a alta prevalência de sobrepeso e obesidade, indiferentemente nas áreas urbanas e rurais ou, nos diferentes estratos socioeconômicos, seja uma realidade.

Segundo o Ministério da Saúde, entre 1974 e 2006, a prevalência do déficit de peso das crianças menores de cinco anos no Brasil, baixou de 18,7% para 1,8%, já a prevalência do déficit de altura passou de 22% para 6,7%.²

Também neste mesmo período, o excesso de peso e a obesidade aumentaram nas diversas faixas etárias, e entre a população das camadas socioeconômicas mais baixas. Tal fato mostra nova face da insegurança alimentar nas populações mais vulneráveis, e caracteriza o processo de transição nutricional da população brasileira.²

Fica, então, estabelecido um antagonismo de tendências temporais entre desnutrição e obesidade, definindo uma das características marcantes do processo de transição nutricional do país¹ dadas as mudanças econômicas e socioculturais, com conseqüentes modificações do padrão e do tipo de alimentação, e atividade, ou educação física da população.

A alimentação é um requisito básico nas diversas fases da vida, e faz a diferença se for balanceada nutricionalmente e sanitariamente sadia, auxiliando no desenvolvimento físico e intelectual, com armazenamento de diversos nutrientes, benefícios que vão além dos obtidos, principalmente, durante a infância e adolescência.

Segundo a Organização Panamericana de Saúde⁴ no ato de promover e manter a saúde, a escola perpassa pela atuação concomitante de três grandes áreas: ambiente saudável, participação dos serviços de saúde e educação em saúde. O longo tempo de permanência do aluno na escola permite a prática de experiências, que talvez, não sejam possíveis em casa, entre elas a influência, e formação, de hábitos familiares.

Dessa forma, a alimentação ofertada na escola pode constituir uma estratégia de educação alimentar e nutricional, ou seja, práticas alimentares vistas como educati-

vas, participantes, na formação do hábito alimentar e que devem, portanto, estar em sintonia com os conteúdos curriculares,^{2,3} conforme preconiza a Portaria Interministerial 1010/06.⁵

A Alimentação Escolar, como política pública de atendimento aos alunos, é praticada, atualmente, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, sendo um dos maiores programas de alimentação e nutrição do mundo. Esse programa tem gerenciamento complexo, viabilizado com recursos federal, estadual e municipal além da participação dos Conselhos de Alimentação Escolar e dos estabelecimentos de ensino.⁶ O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE repassa, atualmente, uma verba aos estados e municípios, que varia entre R\$ 0,30 e R\$ 1,00 *per capita*/dia, dependendo do tipo de ensino e população atendida; verba essa, que deve ser complementada pelos governos estaduais e municipais.

Desde seu início, na década de 50, a alimentação escolar tem sido fator de promoção, proteção e apoio à saúde do aluno. Uma vez servida no intervalo, a refeição colabora para que o aluno tenha maior rendimento cognitivo e atenção durante a aula.

Questões como a adesão às refeições dos alunos atendidos pelo PNAE estão intimamente relacionadas às do recebimento de alimentos; refletindo diretamente em relevantes fatores, como as condições de distribuição do alimento nesse espaço, quando o há. Entre essas condições, estão em pauta não só as refeições que compõem os cardápios, mas também o ambiente, o tipo de utensílio, de serviço e atendimento, mobiliário, a estética e a higiene do ambiente.⁷ A oferta de alimentos que ocorrerem com frequência, e sem compromisso com os princípios da alimentação saudável, como as cantinas e o comércio ambulante nos arredores das instituições, também contribuirão para menor adesão e aceitação da alimentação escolar.⁸

Estes fatores forneceram subsídios, para que a alimentação servida na escola pública fosse construída com a identidade de “merenda escolar” e “comida para pobre”, entre outros. Embora, ainda haja alunos que tem a alimentação escolar, como única refeição do dia.

É comum observar que crianças e adolescentes, e até mesmo adultos, dizem não gostar de um ou outro alimento, principalmente hortaliças, sem nunca terem provado e não saberem o sabor. Por isso, é importante motivá-los a experimentar. Quanto maior a variedade de alimentos

na escola, maior a propensão do aluno fazer o mesmo em casa.

Para auxiliar nos cuidados da saúde dos alunos, educadores e nutricionistas vem desenvolvendo programas de educação alimentar e incentivo à atividade física, principalmente para alunos da pré-escola e ensino fundamental; faixas etárias em que bons hábitos podem ser fortalecidos.

Boog⁹ salienta que, no trabalho com a educação nutricional, há desenvolvimento da capacidade de percepção das diferenças culturais, da compreensão e abertura à subjetividade; ainda mais quando a mídia, com seu poder, manipula os desejos – “*faz-nos comprar uma coisa que amanhã abandonaremos para comprar outra*” – por isso o trabalho deve ser com conscientização, e não com imposição – “*não se pode simplesmente determinar o que os outros devem ou não comer*”.

*Jeanice de Azevedo Aguiar - Nutricionista, Mestre em Ciências das Saúde pela UNIFESP, Responsável Técnico pelo Programa de Alimentação Escolar em Cajamar/SP, Membro do Conselho Estadual de Alimentação Escolar do Estado de São Paulo, Membro da Câmara Técnica para assuntos sobre Alimentação Escolar do Conselho Regional de Nutricionistas - 3a. Região.

Bibliografia

1. Batista Filho, M. & Rissin, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(Sup. 1):S181-S191, 2003.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Saúde Brasil – 2009: uma análise da situação de saúde e da agenda nacional e internacional de prioridades em saúde/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010. 368 p.
3. Brasil. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola. Diário Oficial da União. 2009 17 jun; p.2.
4. Organización Panamericana de La Salud. Promoción y educación de la salud escolar, una perspectiva integral: marco conceptual y operativo. Washington (DC): OPAS; 1995.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial nº 1.010 de 8 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional.
6. Stolarski, Márcia Cristina. Caminhos da Alimentação Escolar no Brasil: Análise De Uma Política Pública no período de 2003-2004, 2005. 160 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Universidade Federal do Paraná, 2005.
7. Ceccim R B. A merenda escolar na virada do século: agenciamento pedagógico da cidadania. In: Em aberto: merenda escolar. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. 1995.
8. Gross, S. M.; Cinelli, B. Coordinated school health program and dietetics professionals: partners in promoting healthful eating. J. Am. Diet. Assoc., v. 104, n. 5, p. 793-798, 2004.
9. Boog, Maria Cristina Faber. Os aspectos simbólicos da alimentação. São Paulo: Rev. Avisá Lá – Edição /Nutrir – Nov, 2005.

Ser Feliz

não custa tanto assim

As viagens aéreas não são mais revestidas com o glamour do passado. Com o barateado das passagens, voar se tornou possível para muitos brasileiros e situações que víamos em ônibus, por exemplo, são possíveis de se presenciar agora nos ares.



Divulgação

Numa viagem de Belo Horizonte para São Paulo, aconteceu algo curioso; algo familiarmente curioso. Essa viagem é relativamente curta e, num piscar de olhos, após a decolagem, já foi anunciado o procedimento de descida. Ao meu redor, estava uma família composta por cinco pessoas. Os pais e três filhos. Filhos de idades variadas. Um deles, já por volta dos seus quinze anos, ostentando o que, no futuro, espera-se, fosse um farto bigode; o filho do meio com seus doze, e um excelente bom humor e o caçula, que não tinha mais que dois anos e meio. A mãe adotava um estilo clássico e, com seus óculos escuros gigantes, fechou-se em seu mundo. Ela quis que o filho mais velho viajasse ao seu lado e, curiosamente, ao

menos para mim, entregou o menor aos cuidados do pai. O pai, por sua vez, sem pudores ou reservas, era tão menino (ou até mais) que seus meninos. Obviamente, ele foi repreendido pela esposa e pelo filho mais velho e do meio, mas foram vencidos pela irreverência e descontração. Como eu, outras pessoas também viam com graça aquela situação. Ríamos discretamente quando, na verdade, queríamos participar daquele momento de alegria. Aquele voo, de forma alguma, foi o que costumava ser um voo daquela natureza, e eu achei aquilo fantástico. E a pergunta fica: o que pode haver de tão fantástico numa situação como essa?

Certamente a alegria, a descontração e espontaneidade que se tornam cumplicidade e ensinamento. Longe de eu querer supor o antes e o depois daquela família. Para mim, o que marcou foi aquele momento. Momentos que em tempos não muito distante, poderiam ser registrados com uma máquina Polaroid, lembram? Momentos únicos, marcantes. Momentos em que a vida transborda; momentos que ultrapassam as convenções e se tornam eternos. Cada membro daquela família, a seu modo, reconhecia o seu espaço e o espaço do outro e, talvez por isso, a interação entre todos era harmônica, pois era livre. E bem sa-

bemos que liberdade não se impõe, se conquista. O caçula, que chegou com tanto energia, logo dormiu e o pai, talvez preparado para “controlá-lo”, ocupou-se em equilibrá-lo no colo e deixá-lo o mais confortável possível. O filho do meio queria ver o que se passava fora do avião enquanto ouvia um rock muito alto. Embora eu estivesse ao lado do filho do meio, a interação dele com pai era muito afinada, mesmo com tantos ruídos. Provocações saudáveis que deveriam durar por toda vida porque sinceras e verdadeiras. O filho do meio riu quase todo o tempo do voo e, num dado momento, o pai perguntou a ele: “Tá rindo de quê, bobo?”, ao que o filho respondeu: “Ué! Eu sou um menino feliz!”. Não só eu, mas algumas outras pessoas prestaram atenção naquela resposta.

Num mundo marcado por tantas tragédias e desencontros; há, sim, sinais de vida e esperança. Vida e esperança não como sinais de ingenuidade, mas como sinais de resistência e boa vontade. É muito bom quando percebemos que valores são transmitidos através da sinceridade do olhar e da liberdade de ser quem se é em qualquer situação.

*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

Especial *Formação de* **PROFESSOR**

*Almanaque
da
Cidadania*

Encarte da revista
Páginas
Abertas

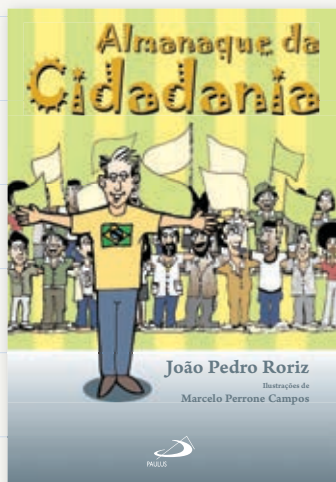
Edição 55


PAULUS

**Formato
prático!**



Para retirar este encarte, basta
juntar as oito páginas
e puxá-las.



APRESENTAÇÃO

Trata-se de um conjunto de textos repletos de informações de interesse aos alunos, como: a nossa República, a vida em sociedade, cujo autor procura levar os conceitos, explicações sobre leis, civilidades, direitos e deveres do cidadão.

JUSTIFICATIVAS

A temática permite capacitar o aluno a fazer reflexão, aprender sobre cidadania na sociedade; pois, a obra é rica em assuntos para fomentar debates e discussões, opiniões entre professor e aluno.

PROJETO PEDAGÓGICO

Como formar os alunos em conhecimentos; em valores cidadãos dentro de uma sociedade.

TEMAS TRANSVERSAIS

Ética, Educação, Saúde, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente.

INDICAÇÃO

Ciclo 1: indicado para alunos do sétimo e oitavo ano do ensino fundamental.

Ciclo 2: indicado para alunos do nono ano ao ensino médio.

O livro também poderá ser aplicado aos alunos do EJA, em todos os segmentos exceto para os da sala de alfabetização.

ÁREAS DE CONHECIMENTOS

Literatura, Língua Portuguesa, Sociologia, História, Geografia.

OBJETIVOS

Levar o aluno a desenvolver habilidades de leitura e escrita; pela leitura, a posicionar-se em situações criadas para reflexões e questionamentos sobre a prática da cidadania; virtudes individuais e construção do caráter humano.

SUGESTÕES

Mostre o livro levantando os conhecimentos e a leitura de mundo dos alunos. Aprofunde o tema, comente fatos do cotidiano e amplie a conversa confrontando a obra com outras publicações de jornais, revistas, que relatam alguns episódios envolvendo cidadania. De alguns trechos extraídos do livro, faça a relação, e se possível, mostre imagens ou notícias que retratam a realidade social, comportamentos, atitudes, danos, consequências, etc. Pergunte: o que é civilidade? Quais são os fatores que podem contribuir para uma pessoa se tornar cidadã? Você respeita as leis? Respeita a individualidade dos outros? É honesto, justo? Explique quais as formas ou ações para concretizar a nossa cidadania; mostre os conceitos sobre respeito, educação, direitos e deveres.

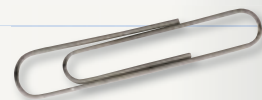
MAPEANDO O LIVRO

Crie ambiente de debate, discussão. Permita que os alunos observem nas primeiras páginas: o índice e os subtítulos. Repare que o livro é construído com diversos assuntos.

A partir daí, qual seria a intenção do autor ao abordar tais assuntos? Em sua opinião, em uma sociedade todas as pessoas têm consciência do seu papel de cidadão?

Título: Almanaque da Cidadania
Autor: João Pedro Roriz
Ilustração da Capa:
Marcelo Perrone Campos
Elaboração do Projeto:
Beatriz Tavares de Souza

Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.



ATIVIDADES

Sugestões: organize os alunos e distribua capítulos ou tópicos do índice para cada grupo

PARTE 1 | Vida em Sociedade

Compreensão de leitura

A De acordo com o autor, somos membros de uma sociedade onde cada um tem a sua própria importância. Pois bem, dessa afirmação, sugerimos aos grupos uma conversa entre os colegas sobre qual o nosso papel dentro de uma sociedade. Proponha aos alunos uma troca de experiências, trazendo exemplos do cotidiano.

Em grupo, escreva no caderno e no final das atividades, leia para a classe:

1. Uma lista do que pode ser considerado cidadania.
2. O que você sente quando assiste, pelo noticiário da TV, aos acontecimentos no mundo? Repudia as coisas ruins? Sente-se desconfortado com a falta de ética e de justiça?
3. O que você entende por livre-arbítrio?
4. Em sua opinião, os cidadãos brasileiros possuem o direito de livre escolha?
5. Como você conceitua valores morais?

B A obra aborda o assunto Declaração dos Direitos Humanos.

- a. De onde surgiu? Quando essa declaração foi assinada?
- b. Como era o mundo na primeira metade do século XX?
- c. Por que criaram a Organização das Nações Unidas (ONU)?
- d. Escreva um resumo dos artigos contidos no texto da Declaração dos Direitos Humanos.

C Escolha um quadro ilustrativo do autor e desenvolva um texto de livre escolha:

- a. Um texto descritivo ou;
- b. Uma redação ou;
- c. Uma narrativa.

D No capítulo II, o livro coloca o respeito à individualidade, a diversidade entre pessoas quanto à aparência física, crenças, etnia, etc.

- a. Segundo o autor, onde está a diferença de nossa espécie?
- b. Como o livro aborda a questão do homossexualismo?
- c. A Síndrome de Down é uma doença?
- d. Atualmente, e em relação à informática, como a sociedade encara o idoso?
- e. As mulheres são péssimas motoristas?
- f. Podemos conviver com portadores de HIV? Explique.

Faça um resumo explicando

- a. As formas comuns de discriminação.
- b. A polêmica “cota para negros”.
- c. A diferença entre preconceito e discriminação. Exemplifique.

Agora Pense: por que, em se tratando de classe social, o Brasil é tão desigual?

Civilidade

1 Faça um comentário entre colegas, abordando estas afirmações:

“O que para um pode ser considerado correto, para outro errado.”

“De acordo com o autor, o conhecimento de “certo e errado” depende da educação no lar, dos laços afetivos.”

2 Em sua opinião, nas grandes cidades há enchentes porque:

- a. Existe a falta de comprometimento das autoridades governamentais com o meio ambiente.
- b. Não existe planejamento e as construções ao redor, principalmente em mananciais, afetam o escoamento das águas dos córregos e rios.
- c. Há falta de educação ou conscientização do povo para não jogar lixo nas calçadas, nas ruas e nos rios.
- d. É todo este conjunto de fatores.

Agora é com você

O que você tem feito para colaborar com o meio ambiente?

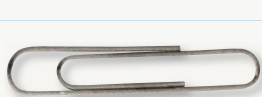
Você é capaz de chamar atenção de alguém para se conscientizar da necessidade de protegermos a natureza?

3 O livro mostra que o diálogo e o respeito ao próximo são fundamentais para a boa convivência, até mesmo para evitar uma guerra. Você concorda?

Comente, dê a sua opinião: Que comportamento humano nós costumamos presenciar na atual sociedade? Há compreensão, tolerância, respeito entre pessoas?

Respeito à civilidade, respeito no trânsito

De acordo com a obra, leis é um conjunto de normas e cada país rege as suas, refletidas pelas tradições e pelos costumes do seu povo. Pois, então, com base na leitura do livro, responda as seguintes perguntas:



- Qual o principal direito de um acusado?
- Quais os tipos de prisão e quais são as diferenças entre elas?
- Existe, no Brasil, pena de morte?

Debate

Você é a favor ou contra a pena de morte? Justifique a sua resposta.

O autor considera o trânsito como uma escola de educação e cidadania. Agora é com você:

- Descreva o que você pode considerar como atitude correta no trânsito.
- O que você entende por lei seca?
- Sobre os condutores que dirigem embriagados, faça um comentário sobre os riscos e as graves consequências (como o alto índice de mortalidade) apontadas nas estradas e ruas da cidade.
- Explique sobre as leis para os ciclistas.

Família: nosso maior bem

Converse com os colegas apontando o que de interessante o livro mostra ao leitor nesse capítulo.

Para refletir:

- Como você considera a sua família?
- Em casa, como os seus pais, seus avós são tratados?
- Que tal você levar algumas fotos, retratando você (desde a sua infância), seus pais, avós, enfim, para mostrar aos colegas.
- Conte a eles sua história. Fale do lugar em que nasceu ou de onde vieram seus pais ou avós.

Para pensar: o velho de hoje pode ser o retrato do novo, amanhã.

Escola: a sua segunda casa

Nesse tópico, o livro retrata a situação da educação brasileira. As formas de analfabetismo, os tipos de escolas e suas obrigações. Mas, também mostra as obrigações do aluno, suas dificuldades, enfrentamentos, superações. Pois bem:

Comente sobre o que você mais gosta na sua escola, aproveite e aponte o professor que você sente mais aproximação, mais amizade ou mais carinho, dê suas razões para sua escolha.

- Levante com os colegas a questão: o que você mudaria na sua escola para torná-la mais agradável? Entregue as respostas ao professor ou diretor.

Perguntas

- Quais as razões principais para uma pessoa frequentar a escola?
- Faça um resumo mostrando o que você entendeu sobre evasão escolar.

Curiosidade

A escola em que você está estudando é ainda aquela primeira? Você se lembra do seu primeiro professor? Que tal escrever o nome da sua primeira escola e o nome completo do seu primeiro professor?

Proteção ao meio ambiente

Busquem no capítulo VIII quais são os assuntos abordados, e quais deles mais chamaram atenção. Você tinha conhecimento das questões apontadas pelo autor? Qual a sua opinião formalizada sobre o papel do homem no meio ambiente?

Que tal desenvolver uma redação colocando esse tema em discussão?

PARTE 2 | Direitos do Cidadão

O livro narra a história do Brasil, revelando as manifestações públicas, os mandatos, cassação e alguns conceitos sobre posição partidária e situação política.

Agora é com você. Mostre o que conhece desse assunto:

- Qual sistema político governa o Brasil?
- Qual a forma de escolha dos nossos governantes?
- Por quanto tempo os mandatos são exercidos?
- Quem são os escolhidos nas eleições nacionais e nas eleições municipais?
- Explique o que leva uma eleição (nacional ou municipal) ter um segundo turno.

Debate

- No Brasil é obrigatório o horário político. Qual a sua opinião sobre isso?
- Durante a campanha, os candidatos fazem promessas políticas. Que sugestão o livro oferece para você desconfiar ou confiar neles?
- Como o eleitor pode evitar que um candidato desonesto se eleja?

Pesquise nas publicações de revistas e jornais tudo sobre a história da impugnação do mandato do presidente da república Fernando Collor de Mello. Reflita sobre esse episódio:

- O ex-presidente tinha boa proposta de governo?
- Tinha a responsabilidade do cargo que ocupava?
- Tinha consciência das necessidades do povo que o elegeu?

d. Collor de Mello preservou os valores morais em seus atos como cidadão representante do povo?

e. Em sua opinião, o que pode ter levado Collor de Mello a agir de modo a lhe causar o processo de impeachment?

Agora, pense nas condições de sua comunidade, levando em consideração alguns pontos básicos: segurança, saúde e educação.

Se você pudesse se candidatar em eleições nacionais ou municipais, o que faria para ajudar o Brasil e seu povo?

De acordo com o livro, o sindicato é uma instituição que luta pelos direitos da classe trabalhista. Pergunte, fazendo um levantamento, sobre qual ou quais categorias sindicais representam os trabalhadores da sua família: pai, mãe, tios, etc.

Que categoria sindical representava o trabalhador, ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva?

Em relação à imprensa

Você ou sua família tem o hábito de ler jornal? O jornal que geralmente lê tem cadernos? Qual destes cadernos você tem mais interesse?

- a. Caderno de Esportes;
- b. Caderno de Economia;
- c. Caderno de Negócios;
- d. Caderno de Política;
- e. Caderno de Ciências
- f. Caderno de Empregos
- g. Caderno de Coluna Social

Qual a sua opinião sobre o papel dos meios de comunicação na vida social de um país? A imprensa pode mudar o rumo de decisões ou atos políticos?

Por tocar nesse assunto, atualmente, o que a imprensa tem representado para o meio social e político em relação à corrupção? Até que ponto você tem acompanhado o julgamento do “mensalão”? Comente.

A documentação de um cidadão

O livro destaca a importância de se registrar oficialmente como cidadão. A partir da certidão de Nascimento, a pessoa passa a ser contada como cidadã de sua pátria nativa. Assim, como viverá uma pessoa que não se disponibiliza para tirar esse seu primeiro documento?

Agora com base nos três tópicos abaixo, faça uma relação dos benefícios que a Certidão de Nascimento oferece à pessoa cidadã:

1. Em relação às origens;
2. Em relação aos direitos de serviços públicos;
3. Em relação aos exercícios de direitos e obrigações sociais.

Perguntas

De acordo com o livro:

a. Todos os brasileiros recém-nascidos são registrados?

b. Todas as crianças em idade escolar são alfabetizadas?

Que tal você mostrar ao seu colega o seu registro geral de identidade (RG)? Você tem outro documento além dele? Qual?

Agora, em sua opinião, isso condiz com a realidade do nosso país? Reflita sobre esta afirmação:

“Ser um cidadão representa, em termos gerais, pertencer a um país e possuir direitos e deveres políticos que o permitam participar da vida pública.”

Releia o capítulo III

1. Qual o tipo de política adotada pela Previdência Social ao cidadão brasileiro?

2. Quais são os recursos que a saúde pública brasileira oferece ao cidadão?

3. Que tal perguntar aos seus pais qual o seu tipo sanguíneo?

Vamos criar um texto

Desenvolva uma redação para o professor com o tema: *O cidadão e seus enfrentamentos na sociedade brasileira.*

Direitos da criança e do adolescente

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) substituiu o antigo Código de Menores.

1. O que isso representa para a sociedade? Responda com base na leitura do capítulo IV.

2. Qual o desempenho da ONU e UNICEF na vida das crianças e adolescentes?

3. Explique com poucas palavras o que você entende por conselho tutelar.

Direitos do consumidor

No Brasil existe um conjunto de leis que assegura e protege o consumidor.

Que tal, a partir da leitura do livro Almanaque da Cidadania, você começar a reparar nas embalagens do produto?

a. O registro do INMETRO;

b. A data de fabricação e vencimento;

c. Os dados de suas especificações (matérias-primas, instruções de montagem, de uso etc.).

Sugestão: convide seus colegas para levar embalagens de produtos perecíveis ou não perecíveis e observem se nelas há registros de leis em defesa do consumidor.



As forças públicas

O livro mostra o Sistema Nacional de Segurança Pública e Defesa Social, e a responsabilidade pela manutenção da ordem pública. Pois bem, o que você aprendeu nesse capítulo? Houve informação nova para o seu repertório de conhecimento? Qual?

Então, vamos para outras perguntas:

- Quais os tipos de polícia no Brasil?
- Quais as missões de um militar?
- O alistamento militar é obrigatório?

Comente sobre o trecho do capítulo que mais te chamou atenção.

PARTE 3 | Nossa República

O nome completo da nossa pátria é República Federativa do Brasil, cujo significado representa a forma de governo, seus estados federativos e uma das árvores nativas nas terras brasileiras.

Agora tente lembrar o que foi explicado nesse capítulo e responda:

- O que significa o termo “Carta Magna”?
- O que para uma nação representa a Bandeira Nacional?
- Quais os outros símbolos nacionais que você conhece?
- Quais os tipos de municípios um estado possui?

O livro aborda vários assuntos, entre eles, o Código de Endereçamento Postal (CEP). Qual a função desse código? Você sabe qual é o seu CEP?

- Que tal propor ao colega troca de endereços? Escreva e passe para o colega o nome da rua, número da casa, bairro, cidade, estado e o CEP.
- Tente escrever uma carta ou um bilhete.
- Coloque em um envelope e envie pelo correio.
- Depois, comente qual foi a sensação de receber em casa uma correspondência no seu nome.

Os três poderes

Com base na leitura do livro Almanaque da Cidadania, qual o cargo atribuído para:

- Poder Executivo?
- Poder Legislativo?
- Poder Judiciário?

Pesquise para desenvolver a seguinte atividade. Marque em seu caderno, o nome dos cidadãos em suas respectivas funções: Juiz do Supremo Tribunal Federal; Presidente da República; Ministro da Justiça; Ministra da Casa Civil e Ministro da Educação.



Testando os conhecimentos de interesse cidadão:

qual o nome completo do prefeito de seu município?
Você se lembra do nome de um vereador da sua cidade?

Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Buscando uma história para contar

Você conhece algum soldado da força civil ou militar? Sim? Não?

Se por acaso conhece, levante dados e depois descreva para os colegas como ele é: sua rotina de trabalho, se ele tem família e comente o que mais despertou admiração quanto aos seus feitos como cidadão.

Culturas brasileiras

A Segundo o livro, há tipos de educação: a sistemática e assistemática.

Qual delas transforma o homem culturalmente sem atender a um objetivo específico?

Procure indagar entre seus familiares como foi a educação de seus avós. Foi uma educação sistemática? Assistemática? Qual?

B O Brasil é rico em diversidade cultural, há mistura de etnias que abriga as culturas portuguesas, indígenas e africanas, como um só povo. Assim, que influência foi essa? Busque na música, na dança, na culinária e apresente para os colegas da classe.

Quais as manifestações culturais na religião, na arte, no esporte?

Quais as manifestações em festas, danças populares do Brasil?

Com a cantoria sob o ritmo também de palmas, a dança da capoeira é considerada também como esporte. De acordo com alguns historiadores, ela surgiu na África, entre os negros bantos angolanos (Angola). Tem por características uma luta que mistura golpes, quedas e dança. Essa modalidade esportiva pode tanto ser praticada com um só adversário, quanto com vários em uma roda, todavia, sempre acompanhada de instrumentos de percussão, principalmente, o berimbau.

Agora é com você

Conhece algum grupo de dança capoeira? Sim? Então fale com o professor e leve a dança para sua escola. Vai ser interessante e muito divertido.

Em relação à língua falada no Brasil, a Constituição estabelece o português.

1. Desenvolva um texto narrando a história da nossa língua.
2. Localize no mapa os países que adotam a Língua Portuguesa:

Analisando a linguagem

Pode-se observar que o livro se estruturou em textos informativos. Contudo, há trechos em que o autor conversa com o leitor opinando, aconselhando e narrando alguma história. Repare, também, que o autor usou alguns recursos para dar ao texto mais movimento, como o uso de expressões, com a função de deixar a linguagem mais simples, informal.

Pois bem

1. Que outra forma de texto o autor usou para produzir a obra?
2. Aponte grifando onde está a narrativa.
3. Em que trecho o autor conversa com o leitor?

Procure no texto

1. Figuras de linguagem;
2. Dito popular;
3. Citações e seus respectivos autores.

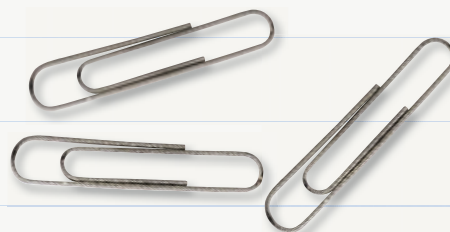
Um texto lembra outro

Mapeando a obra, podemos encontrar a presença de intertextualidade. Encontre e aponte trechos que nos remetem à memória outros textos.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades. Atendimento às propostas de trabalho individual ou em grupo.

Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo cooperar, oferecendo subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra Almanaque da Cidadania, da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.



*Projeto Pedagógico
encartado junto com a revista*

Páginas *Abertas*



PAULUS

*Conheça outros projetos pedagógicos no site:
paulus.com.br*

Vida jangada

ou a leveza do verso



Divulgação

O anjo exterminador passou
E nos portais do coração
Um sinal deixou.
No meio da noite houve gemidos
Ouviram-se gritos e choros
Era multidão de perdidos.
O jardim estava sem flores.
Nos bancos vazios,
Havia espaço de dores.
Não era o Éden, era a ausência.

O ser, entre a plenitude e a angústia,
Ouviu vozes inefáveis
E gritou: “Ressuscita-me!”.
Ouvia apenas o eco da própria voz
Levantou, olhou a rua pela janela.
Estava tudo igual
Acordou...

O vigia da noite
Espera ansioso pela aurora
E quando a aurora desponta
Ele deseja fechar os olhos,
Adormecer na luz...

A face almeja o travesseiro
E lá do profundo da alma um poema
nascendo
E nasce...

O poema um dia se fez bebida
Foi engolido
Quem o bebeu ficou possuído

Uma lâmina fina de suor frio banhou-lhe a testa.
Murmurou uma reza sem nome enquanto o estômago dava voltas
Quis abraçar a si, carne trêmula e fraca.
Ajoelha e feito mulher de Atenas
Fustigada não chora...

O gesto daquela mulher:
Prostrou-se aos pés do amado.
Suas lágrimas banharam os pés do amor.
Amor feito rio perene.
Não era riacho de chuva passageira...

Quanto mais alto fosse,
Mais alto o tímpano pedia.
O som enchia todos os espaços.
Não era noite nem era dia.
O corpo se dissipava feito incenso
E a fumaça desenhava a vida em traços

Foi quando o jornal cortou a cerca
E a planta estremeceu ao rebuliço da carroça.
Bem na hora em que o peito era roça,

Qual sertão, esperando pela chuva.
Foi quando as mãos pediam luvas
E os calos eram bolhas doloridas.
Foi culpa da cigarra enrouquecida:
Fez as horas ficarem feito cinza
E o dia com humor meio ranzinza.
Mas o horizonte abriu azul-celeste.
E tudo não passava de um teste.
Então a garganta pigarreou,
No íntimo algo feliz me acenou.
Correu parado para lugar nenhum.
Aí teve a certeza quase certa:
Tinha a ver com a quebra do jejum...

A multidão passa a pé enxuta no semáforo.
O sol dá um sinal feito pólvora,
fósforo.
A lua acena,
A noite desce,
O sino diz uma prece...

Mais tarde o piano soa macio e triste.
Maciez aguda,
Tristeza grávida.
A saudade é a hora do crepúsculo
sem o sol...

Siga-nos

<http://twitter.com/pauluseducacao>



*Antonio Iraldo Alves de Brito é jornalista, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. É editor de educação da PAULUS. Blog: <http://cordovento.blogspot.com>

Atitude de **excelência**

Por Elza Pacheco e Regina Mainardi*



Divulgação

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio, o termo “atitude” pode ser definido como “modo de proceder ou agir; comportamento, procedimento”.

Porém, trilhando esse caminho, verificamos que somente uma ação determinará o sucesso nessas áreas: atitude!

Isso porque, atualmente, coloca-se muita ênfase nas inovações, novas tecnologias, novos conhecimentos, formações específicas e modismos.

A atitude correta é o que diferencia o modismo da consciência, dando coerência e efetividade às novas aquisições de saberes. A vida é um ciclo, e inevitáveis são os tempos de adversidades.

E são nesses tempos que somos testados, quando a sábia vida nos ensina que, diante da calamidade, temos três atitudes possíveis para nos superar: “Enfrentar, combater e vencer”. *(citação de Mário Covas)*

Nossas atitudes são resultados das escolhas. Escolhas antecedem renúncias. Renúncias são sinais de maturidade. E da maturidade, emanam as melhores atitudes.

A verdade é inerente à atitude íntegra; e por isso, decidir pela verdade em momentos de infortúnio, mesmo com alto custo, é atitude assertiva.

A história registra um fato muito interessante, vamos lembrar?

Salomão julga a causa de duas mulheres

Duas mulheres geraram seus filhos em um mesmo local.

Na calada da noite, uma delas percebeu que seu filho estava morto e imediatamente tomou uma atitude.

Trocou o filho morto pelo filho vivo, da companheira que dormia.

O dia clareou e a mãe do filho vivo percebeu que aquela criança morta não era seu filho e denunciou a troca.

A mãe falsa sustentou sua mentira veementemente, e os responsáveis pelo local, não podendo resolver a questão, levaram o caso para o rei Salomão.

O nobre rei ouviu o caso contado por uma e pela outra mulher e sabiamente ordenou:

“Peguem uma espada. Dividi em duas partes o menino vivo e dai metade para uma e metade para a outra!”

Então, a mãe verdadeira falou ao rei: “Senhor, dai-lhe o menino vivo e de modo algum o mate”.

Porém a outra dizia: “Nem meu, nem teu. Que seja dividido!”.

O sábio rei decidiu: “Dai à primeira mulher o filho vivo; não o mateis, porque esta é a sua verdadeira mãe!”.

Prendam a segunda, pois é mentirosa e falsa.

Todos os que ouviram a sentença proferida, manifestaram profundo respeito pela decisão real, pois viram nele a sabedoria para fazer justiça.

Com a leitura fica mais fácil perceber que atitudes verdadeiras, e coerentes, são o melhor itinerário para vitória.

Nossas reações, quando equilibradas, conduzir-nos-ão, automaticamente, a tais atitudes.

Então, a coerência fará a relação entre o que se fala e o que se faz.

Paulo Freire afirmou:

“É preciso diminuir a distância entre o que se diz com o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja tua prática”.

Ou seja, o aprendizado é um processo, falar e fazer são treinos que fazem parte deste sistema.

Tal melhoria nos beneficiará, pois representará a crença do nosso potencial para o sucesso, a assertividade para enfrentar desafios, a autoconfiança e a sensibilidade para perceber as boas oportunidades e aproveitá-las.

Da boa semeadura, virá a colheita das excelentes atitudes. A mente é o campo do plantio!

Assim, precisamos mantê-la arada, e adubada, para receber as sementes dos bons pensamentos - que gerarão o fruto saciador de nossas necessidades.

Boa semeadura! Excelente colheita!

Fontes: Justin Herald e Paul Meyer

Exercitando conceitos

Tendo em vista a introdução, a importância, e o valor, das atitudes, descrevemos, a seguir, algumas atividades das nossas oficinas para exercitar tais conceitos.

Oficina de atividades*:

Nestas oficinas, serão trabalhadas cinco atividades para identificarmos atitudes de excelência.

Atividade 1 | Use o poder da história

Contar sua história pessoal, para criar conexão emocional com as pessoas.

Compartilhar a história da organização a que pertence, enaltecendo a visão, a missão e os valores, perpetuando a ideia; contaminando e contagiando a todos com seus ideais, desejos, de excelência e de encantamento.

O poder de persuasão, ao contar uma história com maestria, é algo que surte grande efeito e força, para cumprimento de nossas missões.

Atividade 2 | Antecipe-se aos problemas

Todas as organizações e pessoas enfrentam problemas diariamente. Para que você possa trabalhar com excelência,

deverá não apenas resolvê-los da melhor maneira possível, mas antecipá-los. Assim, conseguirá surpreender e ir além. Para descobrir problemas e antecipar soluções, precisamos perceber e ouvir atentamente as pessoas, respeitá-las e modificar a nossa forma de comunicação; para, assim, ir de encontro a suas necessidades.

Atividade 3 | Exceda as expectativas

Exceder as expectativas é atitude de excelência. Isto é, criar magia no ambiente de trabalho, oferecendo um pouco mais do que esperam. Experiências inesquecíveis são criadas quando vamos além!

Também, precisamos passar valores e experiências, pensando além do produto ou serviço.

Atividade 4 | Cuide “obsessivamente” dos detalhes

Cuidar de detalhes, também, é uma maneira de exceder as expectativas e gerar qualidade acima da média.

Preocupar-se “obsessivamente” com todos os detalhes, fará a diferença no resultado da missão. Os resultados serão palpáveis indireta e diretamente.

Cuidar dos valores invisíveis gera visibilidade de excelência na entrega.

Atividade 5 | Celebre cada sucesso

Não importa qual é a meta que você tenha, seja grande ou pequena. Celebre todas, desde a primeira. Envolve as pessoas nessa magia e faça com que todas participem da missão.

A energia positiva que vem de uma celebração se espalha, e contamina todos que estão a sua volta. A energia de cada vitória ajuda a enfrentar a próxima batalha.

Todo dia é motivo de comemoração, pois todo o trabalho vale a pena. Vamos celebrar conquistas, vitórias e superações.

* Regina Mainardi é Graduada em Pedagogia – UNIABC. Pós-graduada em Educação à distância – PUC-SP. Especialista em Tecnologia Aplicada à Educação. Diretora Pedagógica da SOMAI Tecnologia e Educação. Consultora Pedagógica de instituições nacionais e internacionais e Palestrante motivacional.

* Elzinha Pacheco é Graduada em Educação Física – FEFS. Graduada em Pedagogia – FFCL. Consultora Pedagógica da Somai Tecnologia e Educação. Ex-integrante da Seleção Brasileira de Basquete (Bicampeã Panamericana e Bronze mundial de 1971) Palestrante motivacional.

* Fontes:
Curso Disney Institute: Management, Service & Customer Loyalty, Disney Style.
Livro: O Poder da Atitude - Alexandre Slivnik-Editora Gente

A Biblioteca Escolar

e o aprendizado integrado

Por Leila Flores Maia*



Divulgação

A biblioteca escolar fundamenta e promove o suporte pedagógico, atuando como estação do conhecimento, facilitadora dos ambientes de aprendizagem, nos quais são privilegiados os acessos à informação e cultura.

Muitos papéis lhe são atribuídos: como a aprendizagem da leitura, a capacidade de selecionar e criticar a informação, o desenvolvimento de métodos de estudo e de investigação autônoma, o questionamento de como integrar todas as necessidades pedagógicas pelo uso de metodologias - que atendam professor e aluno na biblioteca escolar, e que privilegiem o conhecimento e o prazer da leitura.

Foi na busca desse contexto, que dois pensadores têm pautado meu trabalho de pesquisa em biblioteca escolar com resultados muito positivos, Célestin Freinet e Rubem Alves, que utilizam, como temática central, o desenvolvimento por meio do pensamento livre e criativo, da educação dos sentidos, do olhar do educador e da leitura como agente transformador do *ser*.

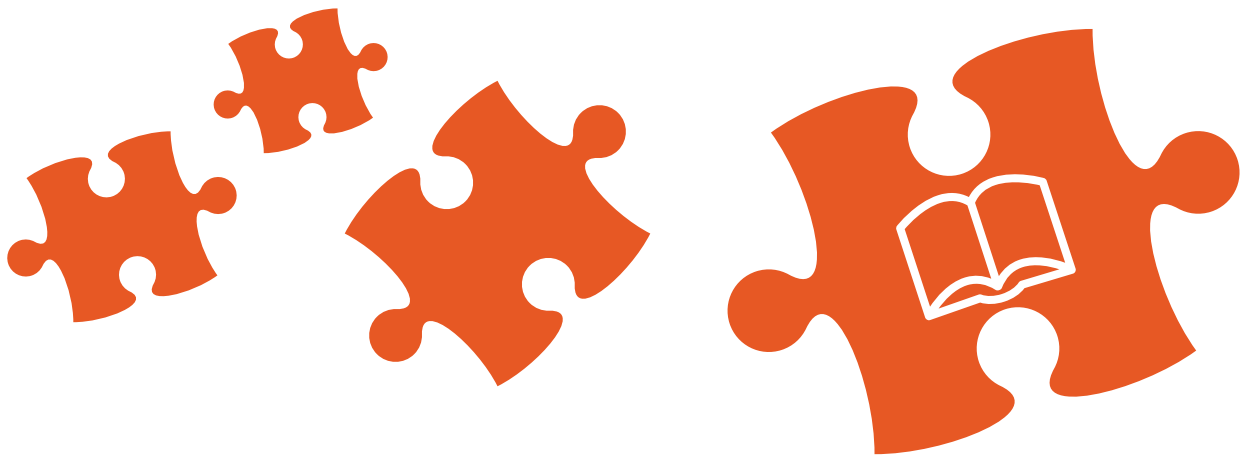
Célestin Freinet, pedagogo francês, acreditava que o aprendizado se dava pela afetividade e liberdade. Tinha como proposta trabalhar com os alunos o “**texto livre**”; a atividade era feita em casa e lida, antes do início da aula, na frente de todos. Os alunos acompanhavam as correções, e elegiam um texto para que todos reescrevessem; assim, com os comentários e sugestões, o texto individual passava a ser coletivo.

Os temas eram livres, e propostos ao retornarem dos passeios. Trabalhava-se a acuidade científica não só pelas ideias, mas também pelas experiências criativas, e livres, do cotidiano.

A proposta de ensino deu tão certo, que Freinet acabou por criar a **imprensa escolar**; resultado de experiências das crianças que passaram a gerar suas próprias cartilhas.

Jean Piaget destacava importância na “célebre ideia” da imprensa escolar de Freinet, que instrui a criança a fazer pequenos textos, chegando a ler e escrever de maneira diferente da corriqueira; criava-se, assim, o conceito de “**aprendizado integrado**”. Freinet tinha, como diretrizes pedagógicas, o aprendizado da escrita individual vivenciada na cooperação do grupo, e das experiências absorvidas pela música, filmes, rádio, horta, marcenaria e peças infantis.

Toda sala de aula Freinet tem o seu “**Livre de vie**”, livro da vida. Ao final de cada dia, o aluno tem quinze minutos para escrever o que aconteceu de importante du-



rante o período. O livro da vida tem formato diferenciado, montado em páginas grandes, e sempre no dia seguinte é lido e enfeitado por outros alunos, como forma de ir do individual ao coletivo; reforçando a proposta de liberdade, criatividade e cooperação.

Freinet acreditava no aprendizado contínuo, resultado das experiências integradas.

Rubem Alves, educador, escritor e psicanalista, brindec-nos, quando aborda em seu artigo “As pessoas ainda não foram terminadas...”, com uma reflexão muito instigante:

“Se as pessoas estivessem prontas não haveria lugar para a educação. E pensar para quê? Para inventar a vida!”. Entre as muitas possibilidades que a biblioteca escolar pode ter, uma delas é brincar de aprender!

Minhas primeiras histórias*

Exatamente que idade não me lembro, mas sei que no início, em vez da cantiga do boi da cara preta, o que acalentava meus primeiros sonhos, eram suaves e doces cantigas espanholas que minha avó conhecia do lugar de onde veio - um pequeno povoado de Almeria/ES. Tenho a impressão de que, então, foi estabelecida uma espécie de pacto. Cresci e as cantigas e modas espanholas foram sendo substituídas por histórias; nelas, tudo era possível, e cada personagem permitia saber que era apenas o começo de uma longa viagem. Fadas e bruxas, monstros e seres reais ganhavam dimensão especial, ficavam próximos como se eu também fizesse parte de tudo aquilo.

Estava já mocinha, o encanto continuava e não me importava que tudo se repetisse; pena que um dia, essa espanhola querida se foi - e com ela tanta doçura e histórias - com as quais eu havia aprendido a sonhar. Foi aí, lá pelos meus doze anos, que, novamente, fui me interessar por outras histórias, as quais eu mesma procurei conhecer,

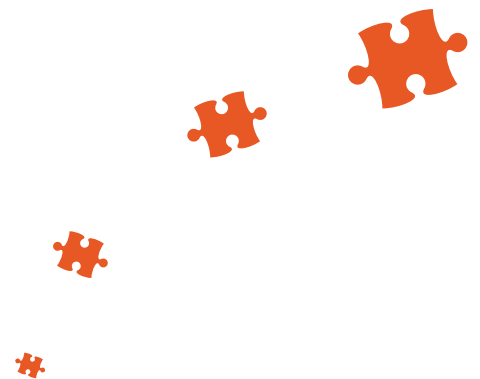
e então continuei com a fantasia, porém, já mais real.

A paixão foi consequência e não pude evitar que fossem tantos: Carlos, Fernando, Lygia, Vinícius, Jorge, Érico, Ignácio; todos chamados intimamente pelos primeiros nomes, todos fiéis, cúmplices das minhas alegrias e angústias, companheiros discretos – não pude mais me separar deles, não me importava se em prosa ou em verso, eu os queria, decidi então que assim seria. Partilharia desse encanto e convívio para sempre.

Hoje, a viagem continua mais séria e profissional, mas não menos querida; pena não me lembrar de todas as cantigas e histórias de menina, gostaria de tê-las na memória, para poder contá-las à minha filha Janaina, e às outras crianças; no entanto, poder contar outras tantas, faz com que o encantamento da fantasia, e a doçura daquela espanhola, continuem esta história, que entrou por uma porta e não saiu mais; quem sonhou que conte outra...

... talvez em meio eletrônico ;)

*Ribeiro, Jonas. *Colcha de leituras*. São Paulo : Elementar, 2002.



*Leila Flores Maia – Bibliotecária, em 2008 recebeu do CRB-8ª. Região SP o VII Prêmio Bibliotecária Paulista Laura Russo pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido no segmento da Biblioteca Escolar.

O uso da Internet como proposta pedagógica

por Márcia Carvalho*



Divulgação

As mudanças tecnológicas acontecem de forma acelerada em todos os ambientes que permeiam a sociedade contemporânea. Diante dessa realidade, o uso da Internet como recurso pedagógico é, hoje, grande desafio para educadores. Ampliando o tempo e o espaço da sala de aula, a Internet pode servir como suporte complementar nas atividades de ensino, fornecendo textos, imagens, vídeos, filmes, músicas, entrevistas, animações, gráficos, fotos, sons e imagens digitais.

A Internet é um espaço ilimitado de dados, consolidando-se como o exemplo mais completo de convergência digital. Mas, para o aluno transformar, em conhecimento, o que encontra neste repositório de informação, torna-se

fundamental a atuação do educador. Assim, o professor deve ser mediador do processo de reflexão e análise das informações, favorecendo a interação e autonomia do aluno num clima de cooperação e colaboração.

Professores já utilizam, há algum tempo, rádio, disco, TV, vídeo e computadores em atividades de ensino, análise e pesquisa. No Brasil, o uso do computador nas escolas remonta a década de 1980, quando se inicia o debate sobre a importância do uso pedagógico das tecnologias, de forma significativa, criativa e inteligente.

Em meados dos anos 1990, a Internet iniciou sua trajetória de popularização como plataforma de comunicação cotidiana. Entendida como nova mídia digital, a Internet se diferencia por ampliar a interatividade. Nela, desenvolveu-se um conjunto de práticas e representações, como redes sociais, portais, blogs, jogos, sites, sistemas de troca de mensagens, comércio eletrônico, negócios e serviços de todos os tipos, web rádio, webTV, entre outros, consolidando o que convencionalmente chamamos de Cibercultura.

Novas mídias oferecem novas oportunidades e perigos, impulsionando-nos a mudar atitudes e procedimentos. A prática docente não pode permanecer indiferente a essa realidade. Nesse sentido, deve-se considerar a Internet como recurso auxiliar para diferentes propostas de ensino. A inserção das tecnologias em sala de aula requer metodologia adequada às necessidades dos alunos, diante de um projeto pedagógico com objetivos bem definidos, levando-se em consideração as potencialidades e as limitações que estas ferramentas apresentam.

Vários críticos já afirmaram que essa exploração da rede, em muitos casos, deixa o aluno sem referência, com a sensação de estar perdido diante do acesso fácil e rápido de inúmeras opiniões, notícias, textos e bobagens multi-

mídia, o que evidencia a necessidade de serem auxiliados no processo de organizar, analisar criticamente e digerir qualquer informação disponível.

A Internet proporciona interações significativas, por meio de sites e portais especializados, que divulgam publicações de textos científicos, reflexões temáticas e criações artísticas e culturais. Trata-se de uma biblioteca ilimitada e interativa, ferramenta de exploração que permite pesquisas amplas. Mas, para encontrar materiais de qualidade é preciso direcionar atividades e leituras. Qualquer disciplina pode se utilizar da Internet, como no estudo sobre literatura, português e outras línguas com vários métodos audiovisuais, com uso de músicas, filmes, conversas *online* e etc. No domínio das artes, história e geografia recorrem às ferramentas infográficas, imagens animadas, imagens de satélites e sites especializados. É possível, também, ilustrar e complementar conteúdos sobre biologia, matemática, física, química entre outras áreas do conhecimento.

Independente do paradigma ou metodologia de ensino e aprendizagem escolhida, evidencia-se que a Internet não é detentora do conhecimento, e sim ferramenta na qual o aluno busca informações em rede num processo de apropriação prática e intelectual. Desse modo, a Internet é instrumento de interação com o educando, uma vez que o conhecimento não é transmitido, mas sim construído, progressivamente, por meio de ações, associações, cotejo de leituras e experiências.

O uso da Internet como proposta pedagógica requer, portanto, metodologia colaborativa, que coloca as atividades desenvolvidas em sala de aula, ou como “lição de casa”, a serviço da pesquisa por meio de recursos midiáticos, os quais podem ampliar o compartilhamento de informações, referências, exemplos e dados entre professores e alunos, consolidando a busca pelo conhecimento.

Existem muitas iniciativas governamentais para promover o uso da Internet pelo professor, como o “Portal do Professor”, projeto do Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia. Entretanto, o discurso neoliberal para a educação fundamenta-se na aparência. Vem em forma de pacotes prontos, para utilizar o computador e a Internet na escola, sem levar em conta as condições de trabalho dos professores.

Um exemplo colaborativo é o site “Portas Curtas”, com enorme acervo de curtas catalogados, que podem ser vistos na própria web. No portal, existe espaço especialmente para educadores, chamado “Curta na Escola”.

Nele, professores podem postar sugestões sobre como utilizar as produções audiovisuais, de ficção ou documentário, na escola, em diferentes disciplinas, e em particular para um debate sobre cultura (cinema, música, teatro, literatura) e sociedade brasileira.

O fundamental é que professores se assumam epistemologicamente curiosos, para o uso da Internet, entendendo o conhecimento como instrumento de comunicação e de intervenção no mundo real. Dessa forma, será possível pensar numa verdadeira inclusão digital no Brasil, quando estudantes e professores poderão ser tanto leitores como autores da rede.

O professor é o responsável por ensinar a “separar o joio do trigo”, ao discutir criticamente as mídias, principalmente a Internet. Com proposta de arejamento e de intercâmbio, o uso da Internet pode preparar “alunos-pesquisadores”.

Para isso, as tecnologias não podem ser usadas apenas como fontes diretas de informação, mas como ferramentas de processos de aprendizagem. Sendo assim, educar com qualidade implica organizar, e gerenciar, as atividades didáticas dentro e fora da sala de aula.

O professor, portanto, é o responsável pela mediação do uso da Internet, como ferramenta para capacitar o aluno a pensar, construir o seu próprio saber, experimentando, desafiando a máquina, aguçando sua curiosidade, tornando-o mais inventivo.

Sem abraçar qualquer populismo tecnófilo, pode-se afirmar que essa prática conecta o ensino ao mundo, começando pelo seu entorno, seu bairro, sua cidade, seu país, seu cotidiano até o mundo das artes, das ciências e das próprias mídias digitais.

Nesse sentido, a participação do professor poderá contribuir para construção de uma sociedade mais democrática, onde um maior número de alunos cidadãos possa ser capaz de aplicar seu conhecimento nas atividades profissionais e cotidianas, garantindo vida mais digna. Afinal, a escola é uma instituição simultaneamente educativa, social e política.

*Márcia Carvalho é doutora em Múltiplos Meios pela UNICAMP, mestre em Ciências da Comunicação pela USP, bacharel em Comunicação Social pela UNESP. Atualmente é professora e coordenadora do curso de Rádio, TV e Internet da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Foi roteirista de um Projeto de Produção de conteúdos educacionais digitais multimídia para o ensino de Matemática, financiado pelo Ministério da Educação/ PROINFO/ SEED. Possui também experiência com uso de ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: Blackboard, Moodle e Teleduc.

Meios de comunicação:

como trabalhar o senso crítico do aluno.

Por Marco Antonio Palermo Moretto*



Divulgação

Existe um conflito na área da comunicação, que nos mostra duas questões fundamentais no que se refere à mídia. A primeira é sobre o impedimento que meios de comunicação podem fazer em relação ao senso crítico, por exemplo, um programa de televisão é produzido por muitas pessoas que não permitem a participação do público na elaboração. O público o recebe pronto, aceita o que vê, o que lê e integra as informações em seu processo cognitivo sem qualquer tipo de reflexão. Nesse grupo podemos incluir a televisão, com exceção de alguns programas interativos que pedem a participação do público.

Dessa maneira, muitos veículos de comunicação não oferecem possibilidade de desenvolvimento do senso crítico, uma vez que a própria crítica não faz parte dos conteúdos oferecidos. A segunda questão é que os meios de comunicação trouxeram um tipo de vício para a população, é melhor acreditar no que a mídia apresenta. Esse processo trouxe um tipo de acomodamento no pensar. Eu vejo, eu leio, eu aceito o que está na imagem, no texto, na fala dos comunicadores. Durante muitos anos, o comportamento social, em relação aos meios de comunicação, pautou-se nessa situação, porém estamos falando de sociedade em geral, da massa, ou seja, no grande conjunto formado por todas as pessoas, independente da idade, sexo, posição social, formação acadêmica e formação profissional; afinal, qualquer um pode ligar um aparelho de televisão ou rádio, ler um jornal.

O problema fica maior quando toda essa situação aparece na área acadêmica, uma vez que todos os alunos têm acesso aos meios de comunicação: da criança ao adulto, do ensino fundamental ao ensino superior, temos grande quantidade de alunos que se utilizam dos meios para os mais diversos fins de obter informações, assistir o jogo de futebol, acompanhar telenovela (preferência de muitas pessoas que querem lazer, diversão, a saída de uma realidade nem sempre favorável), saber das fofocas que envolvem artistas, observar um caso que ocorreu em determinada família, e assim por diante. Novamente, estamos na situação que não favorece a análise, reflexão; a associação entre assuntos e o senso crítico do aluno torna-se segundo plano. O processo pedagógico fica pautado na transmissão de conteúdos, de informações que nem sempre se relacionam à vida do estudante, afastando-se muito de sua realidade; então, é melhor alienar-se ouvindo uma música em aparelho eletrônico, ou ficar nas redes sociais enquan-



to o professor leciona; característica de nossa época, que atrapalha muito o processo educativo.

Recorrendo aos métodos de ensino, suas teorias e práticas, é possível que alguns meios de comunicação sejam trabalhados pelo professor em um processo incentivador do senso crítico, ou seja, o pensar do aluno presente na situação pedagógica. Para isso, o professor deverá conhecer essas estratégias e colocá-las em prática. Existem muitas situações em que isso possa ocorrer. A formação do professor vai contribuir muito para esse processo conforme afirma Moretto (2006), principalmente se ele estiver no contexto do professor reflexivo, que, justamente, prioriza a reflexão no processo ensino-aprendizagem. Para o autor, esse trabalho é coletivo, uma vez que envolve todos no processo, alunos e professores trabalham juntos no desenvolvimento do senso crítico. Como exemplo, podemos citar a aplicação de uma metodologia chamada de Protocolo Verbal em Grupo. Essa prática faz com que alunos e professor possam discutir assuntos presentes em textos, como um poema por exemplo. O livro apresenta a diversidade de ideias que foram apresentadas após a leitura de um poema da escritora Adélia Prado. O senso crítico foi incentivado a partir da leitura do poema em um trabalho colaborativo. Houve construção participativa de todos. O sentido foi construído de forma coletiva e acreditamos que isso possa ser trabalhado em sala de aula.

Trazendo para a área da comunicação, o mesmo trabalho poderá ser feito da seguinte maneira:

Utilização de jornais como fonte do trabalho. Por meio de uma crônica, os alunos desenvolvem reflexões e melhoram o senso crítico. A vantagem de trabalhar com jornais é a variedade de assuntos, temas, situações que fazem parte de uma edição, por exemplo, um problema que esteja presente na sociedade como a violência, o desem-

prego, as relações sociais. É importante destacar que, nesse processo, o conhecimento prévio do aluno é essencial para desenvolvimento do senso crítico. Outros gêneros textuais podem ser usados, importante é o planejamento desse tipo de trabalho.

Utilização de programas que são exibidos em vários veículos, como a televisão, por exemplo; o professor exhibe conteúdo e também, por meio de planejamento, provoca discussões. Nesse caso, é importante que o aluno seja orientado a ver a atividade como fonte de discussão, não simplesmente diversão e lazer. Muitas associações podem ser feitas, bem como inferências.

Para concluir, é importante que o professor possua um planejamento pedagógico, tenha como objetivo o desenvolvimento do senso crítico, e a partir disso o desenvolvimento de tal prática. A escolha de algum meio de comunicação é essencial para a realização dessa aula; assim, o aluno poderá analisar o mundo em que vive, será mais crítico e participativo, e não apenas uma pessoa programada só para dizer sim, como cantou Cazuza.

*Marco Antonio Palermo Moretto é formado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, Letras pelo Centro Universitário Assunção, Pedagogia pela Universidade São Marcos, Filosofia pelo Centro Universitário Assunção. Mestre em Educação pela USP, Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC de São Paulo e Pós-doutor em Ciências da Religião pela PUC de São Paulo. Professor de Língua Portuguesa na rede oficial, Professor Universitário do Centro Universitário Assunção e da Fapcom. É autor dos livros: *A Leitura na Prática do Professor Reflexivo* pela Editora Espaço Editorial (2006), *Escrever contos não é um bicho-de-sete-cabeças* pela editora Ciência Moderna (Rio de Janeiro, 2009) e *Fazer teatro não é um bicho-de-sete-cabeças* pela editora Ciência Moderna (Rio de Janeiro, 2010). Atualmente é coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Fapcom.

Bibliografia:

Moretto, Marco Antonio Palermo. *A Leitura na Prática do Professor Reflexivo*. São Paulo: Espaço Editorial, 2006.

Games e Educação:

possibilidades e desafios

Por Sérgio Nesteriuk*



Divulgação

A primeira experiência precursora do videogame (“Cathode ray tube Amusement Device”) data de 1947. Até o início dos anos 70, diversas experiências foram realizadas em laboratórios, sempre como hobby dos cientistas da computação, “fora do expediente”.

Mais de quatro décadas depois, o videogame ainda permaneceu um “ilustre desconhecido” para educadores e boa parte da sociedade. Ilustre, pois se consolidou como a maior mídia da atualidade, superando, em termos financeiros, a indústria da música e do cinema juntas. Além disso, (ou, talvez, justamente por isso) também,

pode ser considerado um dos principais produtos culturais de nossa sociedade, fazendo parte do imaginário de milhões de pessoas em todo o planeta. Desconhecido, pois, apesar de sua exposição e relevância, são poucas as pessoas que conhecem, em extensão e profundidade, esta nova e poderosa mídia.

Com a evolução das tecnologias digitais e maior possibilidade de acesso às suas ferramentas de produção, multiplicou-se também a quantidade, diversidade e o propósito dos *games*. *Games* são utilizados, hoje, para diversas finalidades além do entretenimento, como no tratamento médico, em simulações, treinamentos, nas artes plásticas e, claro, também na educação.

Há de se considerar, hoje, o fato de que parte expressiva das crianças e jovens constitui o que alguns pesquisadores chamam de “nativos digitais” ou “geração @”: sujeitos que já nasceram inseridos dentro do contexto da cultura digital (computador, internet, *tablet*, mp3 player, celular, videogame). Mais que isso: parte significativa de seu tempo, de seus relacionamentos sociais e de suas experiências é mediada pela tecnologia digital.

É preciso, portanto, atentar para não criar um “abismo tecnológico” responsável por um conflito geracional entre educadores e educandos. Saber tirar proveito de elementos singulares da linguagem digital pode ser uma forma inteligente de melhor se aproximar do cotidiano dos alunos, e de conhecer suas particularidades, dificuldades e potencialidades de aprendizagem.

Para tanto, é necessário romper com preconceitos e reconhecer a possibilidade dos *games* constituírem um espaço resignado de aprendizado, e não apenas forma banal de diversão, ou pior, estimulador da violência e vilão social.

Inúmeros estudos e pesquisas especializadas, realiza-



das em todo o mundo, reconhecem o potencial do uso dos *games* na educação. Entende-se que são capazes de estimular comportamentos, atitudes, habilidades e competências cognitivas diversas, capacitando a lidar com problemas e situações das mais variadas; de valorizar a experiência do sujeito, favorecendo a sua própria construção do conhecimento.

Precisamos lembrar que o jogo, a brincadeira e o lúdico são elementos ancestrais, de grande importância na cultura, que guardam relevantes pontos de intersecção com o ensino e a educação. Atualmente, o game é um jogo digital, uma das formas mais expressivas de manifestação destes elementos e, assim sendo, é natural que sejam pensadas suas possíveis relações com a educação contemporânea.

Mais que estar atualizado, os *games* permitem a criação do chamado “*edutainment*”, o desenvolvimento de produtos midiáticos que pensem a educação a partir do entretenimento (ou vice-versa). Uma das questões mais importantes do *edutainment* é o desafio de se trabalhar de maneira plena, e integrada, suas duas partes constituintes (educação e entretenimento), proporcionando, ao público, experiência singular. Da perspectiva educação, este desafio começa na desconfiança de educadores, sobre a validade do uso dos *games* como ferramenta educativa. Da perspectiva entretenimento, teme-se que *games* com propósitos educativos sejam considerados “chatos” por seus jogadores. *Games* que consigam aliar estas duas dimensões têm, portanto, mais chances de se tornarem exitosos em suas propostas.

É preciso lembrar que o chamado “fator diversão” costuma ser a principal motivação para o jogador – ainda que este fator possa sofrer variações de acordo com as particularidades de cada um. Da mesma forma, devemos considerar que a receptividade do aluno, a um game de caráter mais educativo, passará por crivo bem criterioso, já que este aluno não irá compará-lo com qualquer material ou recurso didático, mas com outros *games* que costuma jogar de maneira espontânea (e dedicada) em seu tempo livre.

Temos desta forma, duas vertentes no uso dos *games* como ferramenta da educação: uma que desenvolve seus próprios *games*, e outra que utiliza *games* comerciais de sucesso, orientando o modo de jogar ou delimitando seus objetivos. Na primeira categoria, encontram-se *games* desenvolvidos, quase sempre, pela própria escola ou insti-

tuição de ensino. O desafio reside em formar uma equipe interdisciplinar, capaz de desenvolver o game em si – o que vai exigir, muitas vezes, a contratação de profissionais externos com alguma experiência no setor. Na segunda categoria, encontram-se os *games* lançados comercialmente com sucesso no mercado. Aqui, o desafio é encontrar um game comercial que apresente conteúdos e questões relevantes, para um determinado propósito educativo – o ensino de uma língua estrangeira, por exemplo –, e orientar o jogador no sentido deste aprendizado.

Entre prós e contras destas duas vertentes, a literatura da área já registra casos exitosos de diversas situações em todo o mundo. No Rio de Janeiro, por exemplo, 410 escolas da rede municipal, que utilizam *games* em um programa chamado “Educopedia”, melhoraram suas próprias médias e tiveram notas, em média, 10% a 20% maiores quando comparadas ao restante da rede não associada ao programa.

Ao pensarmos na importância de uma educação humanista em uma sociedade cada vez mais complexa, que ultrapasse a barreira do conteudismo e colabore na formação de um cidadão cômico de seus direitos e deveres, precisaríamos pensar, também, em como podem colaborar no estímulo às habilidades, competências e inteligências cognitivas, sociais e emocionais diversas, como: coordenação motora, acuidade visual, (auto) disciplina, responsabilidade, concentração, autoestima, persistência, curiosidade, contato com línguas e culturas estrangeiras, raciocínio lógico, memória, criatividade, diagnóstico e análise de situações, organização, planejamento, administração de recursos, superação de desafios, pensamento interdisciplinar, capacidade de liderança e de tomada de decisões, sabedoria em lidar com vitórias e derrotas, estímulo à cooperação, entre outras tantas.

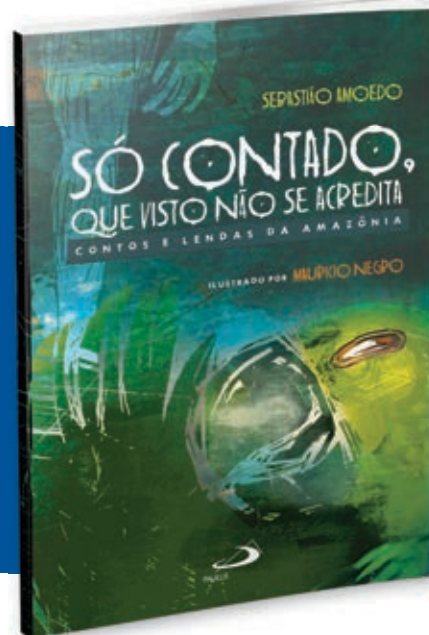
Além de “unir o útil ao agradável”, devemos pensar que este importante estímulo para a formação continuada do aluno nem sempre é possível de se suscitar dentro dos limites da sala de aula.



*Sérgio Nesteriuk é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e atua como professor no Curso de Rádio e TV da FAPCOM. Pesquisa e atua em diversas questões relacionadas ao universo do audiovisual, da animação e dos *games* desde 1996.



Os fantásticos contos do imaginário dos povos da Amazônia



É necessário parâmetro para se lançar ao julgamento do que é, de fato, boa leitura, a ser contada para nossos filhos.

“*Só contado, que visto não se acredita*”, de Sebastião Amoedo, respeita esses princípios, destacando-se no âmbito regional e até no nacional por sua simplicidade e facilidade que se trabalha no uso de língua portuguesa.

As histórias que compõem essa obra mostram a força do regionalismo do autor, mesclando as lendas e os contos com os sentimentos abstratos vivenciados pelas pessoas que relatavam tais histórias, como: medo coragem, imaginação e etc.

O autor

Sebastião Amoedo é um dos autores que se enquadra no mesmo time de escritores influenciados pelo cientificismo nas últimas décadas.

Para esses autores, a ciência seria capaz de justificar todos os fenômenos da natureza, inclusive o modo como o homem se sobressai às forças naturais.

Esses cenários supostamente vivenciados pelos protagonistas dos contos, relatados ao autor, e logo em seguida redigidos fazem de Sebastião Amoedo um personagem diferenciado entre os demais autores da mesma linha literária.

Sabe-se que a Amazônia tem uma imensa riqueza em suas águas, riqueza essa não só de fauna e de flora, mas também de contos e lendas extraordinárias, isso porque temos o maior rio em volume de água do mundo, e uma fauna estonteante em relação à sua beleza e seus mistérios. Isso sem falar da diversidade de nossa flora, e sem esquecer também de um gigante a se perder de vista, comparado ao oceano, é um mar de água doce. É sabido que o Rio Amazonas nasce de um fio de água que brota no Lago Lauricocha, na cabeceira dos Andes, e entra no Brasil com o nome de Rio Solimões, caudaloso avança dono de seu caminho, até encontrar-se com o misterioso Rio Negro, formando, então, um grandioso e imponente rio, o qual atravessa o Brasil, percorrendo todo o estado do Amazonas e Pará, desembocando no Oceano Atlântico. Essa imensidão faz da região um palco de imaginação para quem vive nela.

Os contos

Voltando ao livro, percebe-se que as histórias de Cobra Grande conduzem leitor moderno ao mundo maravilhoso da Amazônia.

O espaço que gira a narrativa mostra-se bem simples e comum, porém cede lugar para o maravilhoso, o sobrenatural.



“Também quem lhe mandara viver num lugar com rios tão profundos?”(...)

“Barulhos furibundos começaram a atroar inundando de tremor rápido, e vivo as maltas e os grupos de habitações, que logo depois ficavam mais sombrios.”(...)

Do fundo do rio, das profundezas levantavam-se ruídos que dominavam a todos. Ouvia-se clamor só comparável ao brado imenso que hão de soltar os condenados no dia do juízo final.(...)

Os alegóricos continuam a aparecer no conto, quando se dá as medidas das cobras, os lugares e o momento exato dos acontecimentos.

As principais lendas da Amazônia são: Boto, Iara, Saci, Curupira, Macunaíma, Guaraná, Vitória Régia, Açai, Cobra Grande, Matinta Pereira, Mandioca, gente que vira bicho, Mapinguari, Monte Roraima, Cobra Norato, Ceuci, Bahira, Boitatá, Caipora, Muiraquitã, Tamba-Tajá, Uirapuru, Peixe-boi, lenda da lua, lenda dos rios, lenda do sol, Quem te dera, Pirarucu, Eldorado, lenda das Amazonas. Todas essas lendas e contos fazem parte do folclore da região Amazônica. Uma visão peculiar de como os povos nativos entendiam e explicavam os fenômenos da natureza: rios, sol, lua e as plantas. São lendas surpreendentes que fazem parte desse pensamento e enriquecem essa cultura.

Existem ainda algumas crenças, que buscam explicar a existência de cobras grandes na região Amazônica. Acredita-se, por exemplo, que quando uma mulher engravida de uma visagem, a criança fruto desse terrível cruzamento está predestinada a ser uma cobra grande. Essa crença é bastante comum entre as populações que habitam as margens dos rios Solimões e Negro, no Amazonas. Há ainda quem acredite que a cobra grande pode nascer de um ovo de mutum. Existe ainda outra versão, mais comum no estado do Acre, sobre uma cobra grande que parece ser a versão feminina do boto. Segundo essa lenda, a cobra grande se transforma numa bela morena nas noites de luar do mês de junho para seduzir os homens durante os arraiais de festas juninas.

Há, ainda, os que contam que a cobra grande pode, algumas vezes, parecer um navio para assustar os ribeirinhos. Refletindo o luar, suas enormes escamas parecem lâmpadas de um navio todo iluminado. Mas, quando o “navio” chega mais perto, é possível ver que na verdade é uma cobra grande querendo dar o bote.

Os contos e lendas da Amazônia nos levam à compreensão de inúmeras variedades, influenciadas diretamente pela miscigenação na origem do povo dessa região. Devemos considerar que os contos e as lendas não significam mentira, e nem verdade absoluta, o que podemos e devemos deduzir é que uma história para ser criada, defendida e o mais importante, ter sobrevivido na memória das pessoas, deve ter no mínimo um pouco de fatos verídicos. Muitos historiadores, pesquisadores, folcloristas, e outros profissionais que estudam sociedades, tendem a afirmar que lendas são apenas frutos do imaginário popular, porém como sabemos, as lendas em muitos povos são “os livros na memória dos mais sábios”.

A importância

Todos esses comentários têm o propósito único de mostrar o quanto é importante a leitura dos contos e das lendas da Amazônia, para recuperação das raízes de nossos antepassados.

E isso, Sebastião Amoedo realiza de forma fantástica e simplificada para nosso deleite e satisfação.

“Só contado, que visto não se acredita”, é simplesmente a plenitude da imaginação dos povos que moravam nos lugares onde o autor buscou descrever toda a narrativa refletida no espelho da fantasia verdadeira de um povo.

Chegando ao final da leitura do livro *“Só contado, que visto não se acredita”*, percebe-se a magia no uso das palavras, e o encantamento com as histórias narradas por Sebastião Amoedo.

*Waldeney Souza Gomes, professor da Universidade Nilton Lins, é pedagogo com pós-graduação em Psicopedagogia e Filosofia e mestrando em Educação. E-mail: waldeney.gomes@ig.com.br

Projeto ampliando conhecimento despertando a criatividade

"Ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação". Paulo Freire

Este projeto consiste em incentivar o gosto pela leitura dos estudantes da EJA Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental e Médio nas disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes. Para tanto, foram utilizados alguns livros da PAULUS Editora, com o objetivo de discutir a importância da leitura para a ampliação do conhecimento, facilitando assim, a compreensão e produção textual.

Para tanto, foram desenvolvidas algumas atividades, as quais possibilitaram o desenvolvimento das habilidades orais e escritas.

Dessa forma, foi compreendida a relevância da leitura, além do âmbito escolar, quando observamos que trabalhar a leitura associada à produção textual torna-se uma atividade prazerosa.

Justificativa

Verifica-se que a leitura é de suma importância para o aprendiz, pois leva o leitor ao conhecimento científico e ao conhecimento do mundo, o qual refletirá para o leitor em novos conhecimentos. Ajuda, também, o aluno a aumentar o seu vocabulário e suas expressões, envolvendo-o com ideias, as quais lhe darão enfoques abrangentes para o conhecimento cultural do qual depende o seu progresso na vida. A leitura é um dos principais instrumentos, para que o indivíduo construa o seu conhecimento e aprenda a exercer sua cidadania. Permite, ainda, o exercício da fantasia e leva quem lê a construir um mundo imaginário, onde pode exercer sua reflexão crítica e promover o debate de ideias. Sabe-se, também, que a leitura é uma condição prévia para a escrita, pois bons leitores são bons escritores, suas produções de textos são dinâmicas e consonantes. Demonstra que o ato de ler deve ir além da leitura das letras, de palavras; levando o indivíduo à leitura de mundo, do contexto cultural onde vive, possibilitando, assim, o desenvolvimento do senso crítico.

Objetivo geral

Despertar nos estudantes da EJA, o gosto pela leitura através de livros publicados pela PAULUS Editora.





Objetivos específicos

- Conhecer a importância da leitura em diversos âmbitos;
- Desenvolver a linguagem oral por meio da interpretação textual;
- Desenvolver a habilidade da escrita, através de produções textuais;
- Proporcionar a cooperação em trabalhos coletivos;
- Promover a interdisciplinaridade.

Como surgiu o projeto

O projeto surgiu da necessidade de promover a ampliação do conhecimento, incentivando os estudantes a lerem, interpretar e produzirem textos coesos e coerentes.

Desenvolvimento

As atividades foram iniciadas na turma da EJA Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio, onde trabalhamos o livro *A Parábola da Felicidade* de Vilmar Berna. Conceituamos parábola e propus ao grupo que apresentassem conceitos próprios sobre o termo “Felicidade”, bem como meios que utilizam para encontrá-la. Confeccionei uma árvore e frutas, a qual denominei “Árvore

da Felicidade”, solicitando que escrevessem dentro das frutas palavras que se relacionassem ao termo trabalhado.

Após esta etapa, formamos um círculo onde lemos e discutimos o livro *A Parábola da Felicidade*, em seguida, foram feitas observações referentes à entonação e aos sinais de pontuações.

Distribuí mensagens sobre o tema felicidade, sugeri que lessem para o grupo e comentassem. Continuamos as atividades com a produção de textos em diversos gêneros textuais (poemas, contos, romances etc...)

Na turma da EJA, na disciplina Artes, fizeram dobraduras, produziram histórias e confeccionaram cartazes a partir da leitura do livro *A Galinha Ruiva* de Roberto Martins. Na disciplina de Língua Estrangeira, da EJA Ensino Médio, propus a leitura do livro *A Menina das Borboletas*, de Roberto Caldas; (o qual não contém palavras), e que baseados nas imagens visualizadas, produzissem pequenos textos em inglês e confeccionassem cartazes.

Resultados obtidos

Com o desenvolvimento do projeto, os estudantes da EJA compreenderam a relevância da leitura, não apenas no âmbito escolar, mas que o hábito de ler pode levá-los a conhecer um novo mundo.

Conclusão

A leitura, as discussões em sala e as produções textuais tornaram a aula lúdica e prazerosa. E assim, o projeto “Valorizando a leitura”, tornou-se gratificante.

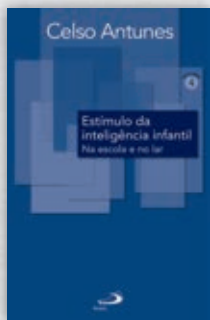
Glória Maria de Souza Gomes
Professora do SESI-CES Centro de Ensino Supletivo
Coordenadora da disciplina de Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Artes
Formada em Letras
Especialização em Língua Portuguesa e
Gestão da Educação

Turma do Ensino Médio
Livro trabalhado: *A Parábola da Felicidade* (Vilmar Berna)

Turma de Artes
Livro trabalhado: *A galinha ruiva* (Roberto Martins)

Turma de Língua Inglesa Ensino Médio
Livro trabalhado: *A menina das borboletas* (Roberto Caldas)





Estímulo da inteligência infantil – Na escola e no lar

Celso Antunes

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 120

Escrito por Celso Antunes, o livro contribui para importantes discussões sobre as diversas inteligências humanas, desde a vida infantil, na sala de aula ou em casa. Dividida em seis partes e com uma linguagem simples e objetiva, a obra analisa duas ações mentais e físicas que se complementam: a importância do aprender e o exercício prático de fazer da aprendizagem o desenvolvimento de habilidades e competências. Este é o quarto livro da coleção Didática que já lançou O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos; Trabalhando a alfabetização emocional com qualidade e (In) Disciplina e (Des)Motivação.



Para curar a angústia causada pelos outros – Quando os outros fazem você sofrer

Víctor Manuel Fernández

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 80

A obra propõe um caminho de libertação das angústias causadas pelos outros, a partir de medidas que permitirão uma boa convivência em sociedade, amando e servindo, sem se angustiar pelo afeto de que não lhe dão, ou ainda pela falta de reconhecimento. Dividido em oito capítulos, é possível encontrar temas relacionados à coragem e fidelidade de ser você mesmo, a percepções e transformações, e “receitas” que podem ajudar momentaneamente. Além de imagens de incentivo e harmonia, o leitor encontrará, ao final de cada capítulo, orações para auxiliar e motivar ainda mais aqueles que desejam se conhecer melhor e descobrir o amor próprio.



Teorias das ideias de Platão – Uma introdução ao idealismo (volume I e II)

Paul Gerhard Natorp

Volume I | Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 416

Volume II | Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 544

As obras Teoria das ideias de Platão – Uma introdução ao idealismo (volumes I e II) sustentam que por ser uma teoria do pensamento e do conhecimento, torna-se uma teoria da realidade. Escrito pelo filósofo Paul Gerhard Natorp, referência na tentativa de aproximar o pensamento de Kant e o de Platão, o estudo foi dividido em dois livros para auxiliar o leitor a compreender as questões filosóficas tratadas em toda a obra de Platão.



Práticas e perspectivas de democracia na gestão educacional

Carlos Betlinski

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 200

O livro oferece contribuição sobre o pensamento no processo de formação política, entre análises e problematização das práticas de gestão pública. Por meio de uma perspectiva crítica e otimista, aponta para ideais de cidadania ativa e da construção de projeto social democrático, que assume centralidade nas instituições educativas. A temática desenvolvida no livro destina-se aos alunos de todos os cursos de licenciatura e, em especial, aos de pedagogia.



Logoterapia e análise existencial – Uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl

Thiago Antonio Avellar de Aquino

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 128

O livro busca conduzir o leitor ao pensamento de Viktor Frankl, apresentando sua vida, obra, prática e seus conceitos. Na primeira parte, o autor apresenta a vida do analista, retratando suas principais experiências, em especial aquelas que fundamentaram a logoterapia, como sua vivência nos campos nazistas. Já no segundo capítulo, aprofunda-se em aspectos teóricos, assim como encontra a visão filosófica e psicológica do ser humano. Por fim, o leitor encontra nas duas últimas partes um panorama da prática clínica, da relação terapêutica e do logoterapeuta como parceiro do sentido em sua relação dialógica.



Hieros logos - poesia órfica sobre deuses, a alma e o além

Alberto Bernabé

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 376

As ideias dos órficos influenciaram filósofos como Platão ou, muito mais tarde, nos neoplatônicos. Partindo dessa fonte, o livro oferece os textos fundamentais da literatura e da religião órficas, traduzidos e acompanhados das explicações que os tornam significativos. Alguns deles (como o Papiro de Derveni ou algumas lâminas de ouro inscritas) têm aparecido nos últimos anos e permitindo que nosso conhecimento sobre a questão se enriqueça cada vez mais.



Escritos sobre a educação - Desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes

Daniel Mill (org.)

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 342

A obra propõe buscar um caminho especial, evidenciando o valor que pode ser acrescentado na formação do cidadão contemporâneo, por meio dos estudos sobre educação e tecnologia digitais. Além da colaboração de diversos autores do segmento, o livro é dividido em três partes: Tecnologias emergentes e educação; Tecnologias e professores: entre concepções e afazeres e Dimensões de um possível: tópicos para se pensar e trabalhar com tecnologia.



Razão e sensibilidade

Jane Austen

Adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho

Formato: 12 cm x 18 cm

Páginas: 120

A coleção Encontro com os clássicos tem o objetivo de apresentar as grandes obras da literatura universal de forma adaptada para jovens leitores, a partir de uma linguagem acessível. Nesse lançamento, o clássico Razão e Sensibilidade, de Jane Austen, ganha tratamento especial nas mãos do professor Douglas Tufano e Renata Tufano Ho. A história é centrada nos relacionamentos das irmãs Elinor e Marianne Dashwood, sendo a primeira mais racional e a segunda emotiva e passional. Ao longo da trama, as duas buscam encontrar o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, tanto na vida como no amor.

Educação, esporte e violência



Divulgação

Estava assistindo a um torneio de futebol de salão entre escolas do ensino fundamental. Havia torcedores de todas as escolas no ginásio de esportes. E, é claro, havia muito entusiasmo, brincadeiras, farras. Era um ambiente típico de adolescentes.

Mas o que me chamou a atenção não foi isso. E sim, o aumento da agressividade à medida que se acirrou a luta pelos primeiros lugares. A agressividade aumentou na quadra e nas arquibancadas. Entre os torcedores, as brincadeiras viraram ofensas, xingamentos, gestos obscenos. Entre os jogadores, a disputa virou guerra, com jogadas violentas, maldosas, simulações, tudo com o objetivo da vitória a qualquer preço.

E essa atitude antiesportiva encontrava pleno apoio das torcidas, até que estourou uma briga entre jogadores durante uma das partidas. A tensão, que já era grande, ficou ainda maior. Os professores pareciam não ter controle da situação. Foi difícil acalmar os briguentos. No final, a equipe perdedora se recusou a ficar na quadra para receber as medalhas de vice-campeão e cumprimentar o adversário. Ficou aquele clima de que “na próxima vez a gente acerta as contas”...

O modo como as pessoas, em geral, comportam-se no esporte pode revelar o modo como se comportam na vida social. Foi isso que pensei naquele dia. Uma sociedade que se acostumou a passar no sinal vermelho, sujar as ruas, falar ao celular enquanto dirige, fraudar exames, subornar — e acha que isso é ser “esperto” — não se comportaria de modo diferente num ginásio de esportes ou num estádio de futebol. E as crianças e os jovens vão aprendendo esse comportamento só de olhar, de observar como os pais e os adultos fazem, e começam a imitá-los.

Nas escolas, isso se torna cada vez mais preocupante. É claro que há muitos professores de Educação Física que procuram ensinar aos jovens que é preciso respeitar as regras,

jogar limpo. Muitos outros, porém, incutem nos alunos a ideia da vitória a qualquer preço, a ideia de que vale tudo para ser campeão, inclusive enganar o juiz, desrespeitar o adversário, usar da violência. No fundo, estão ensinando também como se deve viver em sociedade. É como se dissessem: se você quiser vencer na vida, faça como se estivesse disputando um jogo em que só a vitória interessa.

Mas é esse tipo de comportamento que queremos passar aos nossos jovens? Ainda que os jovens tenham exemplos negativos em casa, a escola deve se esforçar em ensinar-lhes que ter espírito esportivo significa agir com ética, que aprender a perder faz parte da educação para a vida. É preciso haver coerência entre o que se aprende na sala de aula e o que se mostra numa quadra de esportes. Eis um dos grandes desafios de uma escola preocupada com a formação integral dos alunos.

*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

O SURPREENDENTE ENCONTRO DE MORTAIS E IMORTAIS



332 págs.

O mistério de Troia *João Pedro Roriz*

O Mistério de Troia é uma lenda grega, que conta, de forma descontraída, a criação dos seres humanos, da vida, por Prometeu e Epimeteu; utilizando o inusitado, fantástico e incentivando o raciocínio lógico nos leitores. Entrelaçamento entre passado, presente e futuro.



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br


PAULUS

Contos folclóricos, identidade de um povo



Contos folclóricos brasileiros

Marco Haurélio

O livro **Contos folclóricos brasileiros** revela peças de raro brilho literário, beleza e simplicidade, resguardo de nossas tradições. Colhidos da fonte mais pura, a memória popular, torna-se símbolo de esperança na preservação da cultura brasileira. Diversão e entretenimento para todas as idades.



Criação PAULUS / Imagens meramente ilustrativas.

144 págs.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS